



Vida e morte de um intelectual no Rio Grande do Sul: dois estudos sobre José Arthur Montenegro



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

151



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2023



**Vida e morte de um
intelectual no Rio
Grande do Sul: dois
estudos sobre José
Arthur Montenegro**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Vida e morte de um intelectual no Rio Grande do Sul: dois estudos sobre José Arthur Montenegro



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1ª Secretária: Luciana Coutinho Gepiak
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Vida e morte de um intelectual no Rio Grande do Sul: dois estudos sobre José Arthur Montenegro
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 151
- Composição & Paginação: do autor
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-138-5

CAPA: Retrato de José Arthur Montenegro publicado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1904*. Rio Grande: Livraria Americana, 1903; e capas dos periódicos *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, *Almanaque Popular Brasileiro*, *Diário do Rio Grande*, *Artista*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, *Revista da Academia Cearense* e *A Federação*.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Livro vinculado à Ação de desenvolvimento – O Arquivo Montenegro no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: História e Arte – promovida junto ao Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical “Florestan Fernandes”- CEMOSi, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Câmpus Presidente Prudente, sob a supervisão da Profa. Dra. Paula Ferreira Vermeersch.

SUMÁRIO

A Biblioteca Rio-Grandense, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o encontro de dois intelectuais: Alfredo Ferreira Rodrigues e José Arthur Montenegro / 11

Réquiem para um pesquisador - registros da morte de José Arthur Montenegro em publicações periódicas no acervo da Biblioteca Rio-Grandense / 71

A Biblioteca Rio-Grandense, o *Almanaque Literário e Estatístico* do Rio Grande do Sul e o encontro de dois intelectuais: Alfredo Ferreira Rodrigues e José Arthur Montenegro

Como mais importante polo mercantil e portuário sul-rio-grandense, a cidade do Rio Grande atingiu significativo progresso econômico na conjuntura provincial/estadual dos Oitocentos e primeiras décadas dos Novecentos. Em tal ambiente de desenvolvimento citadino houve um propício espaço para um certo aprimoramento cultural, envolvendo mormente o campo jornalístico, literário e artístico. A partir dessa conjuntura, houve uma ativa vida cultural na urbe portuária, com a ação de uma ativa intelectualidade, a qual se congregava em torno de epicentros, como as redações dos jornais, as editoras/livrarias e a Biblioteca Rio-Grandense, a mais antiga de seu gênero no Rio Grande do Sul. Nesse afã intelectual, o jornalismo teve um papel de destaque.

Era uma época em que as publicações periódicas ocupavam um papel essencial na difusão de cultura em meio às sociedades. A imprensa firmava-se cada vez

mais como veículo de propagação de informações e agia diretamente na constituição de hábitos, valores e padrões de consumo e na formação daquilo que se convencionou chamar de opinião pública. Os grandes diários apareciam quase como oráculos, cujas notícias e opiniões adquiriam um caráter de verdade inquestionável e a eles juntavam-se variadíssimos gêneros jornalísticos, notadamente, aqueles ligados à pequena imprensa, comumente executando práticas voltadas, à cultura, à literatura, ao humor, à ironia e à crítica, assim como representavam determinados segmentos socioeconômicos. Esses jornais tinham um lugar fundamental também na expansão cultural, trazendo em suas páginas textos de variadíssimo número de escritores, alguns completamente desconhecidos e outros que se transformariam em verdadeiros ícones, dando assim espaço decisivo à divulgação da cultura.

Foram várias as estratégias, técnicas e estruturas desenvolvidas pelos periódicos para angariar legitimidade/confiabilidade para suas matérias. Uma delas foi a de contar com redatores e/ou colaboradores que detinham certa notoriedade intelectual em meio à sociedade¹. Assim, se estabelecia um aprimoramento no campo editorial e redatorial, mormente a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a

¹ Ver: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 87 e 90; BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 150, 244 e 253.; e BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 190.

constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos nomes de destaque das letras e do pensamento colaboraram cotidianamente na imprensa periódica, fazendo com que o próprio nível do jornalismo subisse consideravelmente e os periódicos fossem redigidos corretamente e em um estilo cada vez mais individualizado².

Nesse sentido, a imprensa se renovava com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais³, desenvolvendo-se uma perene inter-relação entre os escritores e o jornalismo⁴. Além disso, era uma época em que escrever em periódicos constituía uma ocupação reservada àqueles que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião, de maneira que, publicar em tais meios, era uma forma de afirmação de uma autoridade, um mecanismo para publicar ideias, divulgar obras, ou ainda, defender ideologias, travar polêmicas diversas, enfim, participar ativamente na construção da esfera pública⁵. Nesse sentido, se estabelecia uma certa reciprocidade, pois, de um lado a presença da intelectualidade era benéfica para

² TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 160.

³ RODRÍGUEZ, Alberto Pena. *História do jornalismo português*. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 360.

⁴ ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Editora Insular, 2007. p. 54.

⁵ PEIXINHO, Ana Teresa. *Escritores e jornalistas: um estudo de caso*. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.

o aprimoramento das atividades jornalísticas e, do outro, as folhas impressas constituíam um espaço propício à divulgação das obras dos escritores, notadamente tendo em vista as dificuldades com que por muito tempo os autores lutaram para serem impressos⁶. Dava-se então um pleno vínculo entre as ações intelectuais e as lides periodísticas⁷.

No seio das atividades jornalísticas, um tipo de publicação periódica que conquistou amplo mercado junto ao público leitor, não tinha a circulação diária ou semanal, como a maior parte dos jornais, constituindo, isto sim, um anuário, o qual viria a ocupar um espaço alternativo neste meio impresso, uma vez que guardava características do periodismo, mas, ao mesmo tempo, se aproximava do formato tradicional dos livros. Foi como esse misto de jornal, revista e livro que os almanaques conquistaram notável popularidade, caindo no gosto dos leitores em variadas partes do mundo. Nas páginas dos almanaques as pessoas encontravam uma enorme gama de informações, desde os mais diversos fundamentos da vida em sociedade, até as variadas formas de interação do homem com o meio. Tais anuários também se caracterizaram por trazer ao público uma série de atividades ligadas ao entretenimento, notadamente jogos de palavras, adivinhações e charadas. Mas o

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 288-289.

⁷ ALVES, Francisco das Neves. José Arthur Montenegro e a imprensa periódica. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Arquivo Montenegro: colaborações na imprensa periódica e documentação fotográfica*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 12-13.

aprimoramento cultural nas suas mais diversas formas de manifestação também estava presente nos almanaques, que traziam textos voltados a muitas das áreas do saber humano, notadamente no que tange à literatura, à história, à geografia e à estatística.

Os almanaques refletiam assim a relevância que a leitura exercia na vida das pessoas, para as quais os mecanismos de entretenimento eram bastante escassos, de modo que ler passava a ser uma das ações fundamentais na ocupação do tempo livre. Eram tempos ainda da leitura coletiva, como tão bem representaram vários registros textuais e iconográficos, que mostravam famílias ou grupos reunidos em torno de um indivíduo que lia uma publicação periódica. Além disso, as informações/opiniões editadas em tais publicações eram repetidas à extenuação, ganhando força na formação da opinião dos leitores. Ao aliar a leitura com os mais variados tipos de passatempos, os almanaques atuavam como uma proposta alternativa em relação às demais modalidades do periodismo então em voga. Na cidade do Rio Grande, os almanaques se tornaram populares e em suas páginas circularam textos da intelectualidade local, regional, nacional e internacional. Em um desses anuários, deu-se o encontro entre dois intelectuais que dedicaram suas vidas à pesquisa histórica, Alfredo Ferreira Rodrigues e José Arthur Montenegro, o primeiro como editor/redator e o segundo como colaborador.

Alfredo Ferreira Rodrigues nasceu a 12 de setembro de 1865 na cidade do Rio Grande. Ele viria a tornar-se uma criança de personalidade introvertida, ou seja, era um menino quieto que se tornou homem sereno, talhado para aquilo que lhe traria notório

reconhecimento, a qualidade de reunir documentos e a redação de textos históricos e culturais. Desde os dois anos de idade, Alfredo viveu na vizinha cidade de Pelotas, aos cuidados de seu cunhado Bernardo Taveira Júnior, escritor e professor reconhecido em seu meio, o qual exerceria indelével influência na carreira intelectual de Rodrigues. O jovem Alfredo terminou o curso secundário e foi preparado pelo cunhado para os exames do curso de Humanidades a serem realizados na capital da província. Uma tragédia familiar acabaria por constituir momento de inflexão na vida do estudante. Aos dezesseis anos perdeu seu pai e como o cunhado Taveira Júnior passava por dificuldades financeiras, ele teve de desistir de seus projetos de vida no que tange ao estudo superior, passando a trabalhar para garantir o seu sustento e o da sua família⁸.

Em um primeiro momento, Ferreira Rodrigues dedicou-se ao magistério, lecionando Matemática, Geografia, História, Inglês e outras disciplinas em estabelecimentos de ensino na cidade de Pelotas. Nessa época, junto de alguns companheiros, no ano de 1884, fundou naquela comuna o semanário *A Pena* e o Centro Abolicionista⁹. Tendo em vista a remuneração insuficiente para seus encargos, o promissor Alfredo, que sempre se inclinara às atividades intelectuais teve de abandonar a cátedra para se empregar, ainda em Pelotas,

⁸ RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues I. In: *Revista Província de São Pedro* n. 18. Porto Alegre: Globo, 1953. p. 47-48.

⁹ ROSA, Othelo. Alfredo Ferreira Rodrigues. In: *Revista Província de São Pedro*. n. 20. Porto Alegre: Globo, 1955. p. 108.

a partir de 1887, como revisor na Livraria Americana¹⁰. Ao menos o destino não afastara Rodrigues de todo das lides intelectuais, tendo em vista seu novo lugar de trabalho. Em 1891, ele foi promovido a gerente e transferido para a filial da mesma livraria na cidade do Rio Grande. Nesse meio tempo, a partir de 1889, começou a publicar um de seus mais importantes trabalhos, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* que foi editado anualmente até 1917, trazendo, além de matérias de variada natureza e entretenimento, textos culturais de alguns dos expoentes da intelectualidade de então, dentre eles o próprio Alfredo, um dos que mais contribuiu com a publicação. No *Almanaque*, o escritor conseguiria o espaço necessário para a divulgação de sua já profícua e copiosa produção.

Em 1910, as dificuldades financeiras mais uma vez batiam à porta daquele pai de família. Eram treze filhos para alimentar e educar, além de um sem número de parentes a quem não negava ajuda. Em busca de melhores condições de existência, ele passou a atuar como caixeiro-viajante, de uma firma estabelecida com farmácia na cidade do Rio Grande. O novo emprego destinou a Rodrigues a função de peregrinar pelos mais recônditos lugares do Rio Grande do Sul, tendo de enfrentar a precariedade dos meios de transporte de então, a distância da família, as preocupações com a situação financeira e atuando num meio que nada estimulava sua verve intelectual¹¹. Mais uma vez o destino pregava uma peça no estudioso, criando-lhe obstáculos substanciais à carreira de escritor, pois

¹⁰ RUSSOMANO, 1953, p. 48.

¹¹ RUSSOMANO, 1953, p. 48.

ainda que continuasse o trabalho intelectual, este foi se tornando progressivamente menos intenso.

Nesse contexto, as atividades comerciais cada vez mais tomavam conta do cotidiano de Ferreira Rodrigues. Em 1914, junto de um antigo empregador, fundou a Drogaria *Unicum*, cujo nome advinha da denominação de “Único” que o próprio Alfredo granjeara em suas andanças pelo interior do Rio Grande, tendo em vista seu dinamismo e sua cultura¹². Mais tarde, por conta de suas novas funções, voltaria a residir na cidade de Pelotas. Ligado intrinsecamente às lides mercantis, acabaria por envelhecer no trabalho. Uma outra perda marcaria de modo trágico a sua vida, agora a de um filho, ceifando mais uma porção da sua vontade de continuar na empreitada cultural. Teria chegado a afirmar que “morria para as letras”, perdendo o “vício” de pesquisar e escrever. Pouco a pouco deixaria de lado a carreira intelectual, dedicando-se quase que exclusivamente ao trabalho e à família da qual, enquanto pode, escondeu as reais condições de sua saúde, vindo a falecer a 8 de março de 1942, na cidade de Pelotas¹³.

Intelectual de monta para os padrões da época, Alfredo Ferreira Rodrigues desenvolveu extensa obra. Além dos textos editados no seu *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicou livros, livretos e artigos, mormente em periódicos¹⁴. Um de seus maiores

¹² ROSA, 1955, p. 109.

¹³ RUSSOMANO, 1953, p, 49-52.

¹⁴ Acerca da produção intelectual do escritor, ver: MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p.

objetivos foi o de reunir documentos sobre a história gaúcha, com ênfase para o evento que se tornaria o principal fulcro de sua obra – a Revolução Farroupilha¹⁵. Rodrigues chegou a publicar uma série de “a pedidos” junto à imprensa, no sentido de anunciar sua busca por documentos, de modo que ele reuniu, em sua época, a mais completa coleção de fontes acerca do Rio Grande do Sul e, principalmente, sobre a Farroupilha. Posteriormente, já alquebrado e desistindo de sua carreira intelectual, Ferreira Rodrigues repassaria seu acervo para o Arquivo Histórico do Estado¹⁶ e outros documentos remanescentes seriam doados à Biblioteca Rio-Grandense¹⁷.

Como estudioso, Rodrigues organizou um arquivo para a posteridade, no qual uma ordem

495-497.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 432-436.

¹⁵ ALVES, Francisco das Neves. A gênese do mito da Revolução Farroupilha: a construção discursiva de um historiador rio-grandense. In: *Anais da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2003. p. 287-294.

¹⁶ ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

¹⁷ ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-33.

meticulosa presidia a tudo, pois as próprias cópias eram feitas com limpeza e atenção máxima, de modo a excluir a possibilidade de erros de leitura e, principalmente, de erros de interpretação¹⁸. Enquanto pesquisador, bateu às portas de todas as estâncias sul-rio-grandenses, na caça aos documentos e aos depoimentos, em um peregrinar edificante pelas canhadas e coxilhas, pelas serras e pelas matas. Nos lugares em que sabia que havia qualquer pessoa ou coisa que pudesse esclarecer o passado gaúcho, lá comparecia para ouvir aquela e adquirir ou copiar o que houvesse. E ia publicando tudo, testemunhos e provas, principalmente no seu famoso *Almanaque*. Nesse sentido, muito do que se viria a ler sobre a formação histórica gaúcha, poderia até trazer assinatura diversa da de Alfredo Ferreira Rodrigues, mas, o autor espiritual, porém, foi ele¹⁹.

Em seus escritos, Rodrigues utilizou-se de vários cognomes, iniciais e pseudônimos, como ao publicar charadas, em que assinou Bargasosse e Didino, já em crônicas, ensaios, estudos, notas, informações, apareciam muitas vezes A., A. R., A. F. R., ou A. Rodrigues, e ainda Manoel de Souza e Azevedo, Manoel de Soiza, Azevedo, ou Manoel de Soiza, em uma homenagem ao seu avô materno²⁰. Como estudioso reconhecido, pertenceu aos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Arqueológico e Geográfico de

¹⁸ ROSA, 1955, p. 111

¹⁹ GOYCOCHEA, Luis Felipe de Castilhos. Preto de saudade. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. II trimestre. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, 1943. p. 176-177.

²⁰ RUSSOMANO, 1953, p. 53.

Pernambuco, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Rio-Grandense de Letras²¹, demonstrando que seu renome não se limitava apenas ao contexto gaúcho.

De acordo com os padrões culturais de sua época, Alfredo Rodrigues executou a contento a função de intelectual. Interessou-se por toda a história nacional, mas se especializou na história regional, com destaque para o tema que lhe despertou verdadeira paixão, a Guerra Civil Gaúcha de 1835-1845. Seus escritos vinham a público principalmente através das edições do *Almanaque* por ele organizado, o qual, quando lançado, tinha seus exemplares rapidamente esgotados. Ferreira Rodrigues escreveu ensaios e críticas em estilo simples, desataviado e agradável. Homem modesto, destinado a uma vida silenciosa e sem busca de projeções, deixando esse intento para outros, ele redigia com espontaneidade e sem a menor preocupação de causar efeito. Desse modo, seus estudos tinham alcance popular, pois não só a matéria por seu ineditismo despertava a atenção pública, como o método e a clareza da exposição os colocavam ao alcance da inteligência de todos²².

²¹ ROSA, 1955, p. 109.

²² RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues II. In: *Revista Província de São Pedro* n. 19. Porto Alegre: Globo, 1954. p. 53-54. Esboço biográfico elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Fazendo história no Rio Grande do Sul à virada do século XIX ao XX: o

O projeto da edição de um almanaque levado em frente por Ferreira Rodrigues, vinha ao encontro da perspectiva de sucesso que esse tipo de publicação atingia. Tal recepção positiva originava-se do fato de que os almanaques reuniam e ofereciam um saber para todos, de cunho astronômico, religioso, social, científico, técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico²³. Seu conteúdo continha calendários, jogos, atrações e material recreativo, informativo, científico e literário, trazendo ainda indicações úteis, exercícios literários e previsões, como as vinculadas às estações do tempo, às fases da lua, ao movimento das marés e às profecias²⁴. Em suas páginas, os conhecimentos históricos e científicos ficavam entremeados por literatura, poesia, teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis²⁵. Sem abdicar da sua função inicial de prognóstico, tais publicações ofereciam informação rápida e sintética em vários campos, bem como promoviam a oferta de literatura para públicos específicos²⁶. Nessa linha, esse gênero viria a constituir

trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: *Revista Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. v. 2. n. 1. p. 9-24.

²³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 480.

²⁴ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 20.

²⁵ MOREIRA, Alice T. C. Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUCRS, 1998, v. 33, n. 3. p. 144.

²⁶ CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 112.

um objeto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio passível de arquivar as verdades essenciais, e também fornecer um modelo de organização do cotidiano e da vida em sociedade²⁷.

O gosto de Ferreira Rodrigues pela pesquisa, pela escritura de textos e pela difusão da leitura, acabaria por ficar em grande parte reprimido, tendo em vista seus compromissos pessoais/profissionais, mas, notadamente através de seu trabalho na Livraria Americana, conseguiu ao menos em parte dar vazão a tais inspirações, mormente por meio do projeto de publicação de um almanaque. Não é para menos que Rodrigues além do próprio almanaque que iria realizar sob sua direção, colaborou com diversas publicações de tal gênero, como foi o caso do *Almanaque Ilustrado Luso-Brasileiro*, editado em Portugal e buscando atingir um público no contexto dos dois países. Seus escritos apareceram ainda em almanaques sul-rio-grandenses, como o *Anuário do Rio Grande do Sul*, publicado em Porto Alegre, e o *Almanaque Popular Brasileiro*, editado em Pelotas. Fechava-se assim o circuito das três mais importantes cidades gaúchas daquela virada de século XIX para XX, mormente no que tange à cultura, ou seja, a capital da província, depois estado – Porto Alegre; o núcleo da produção pecuário-charqueadora – Pelotas; e o único porto marítimo por onde escoava a produção rio-grandense-do-sul – a cidade do Rio Grande.

²⁷ ANASTÁCIO, Vanda. Almanagues. Origem, gêneros, produção feminina. In: *Veredas*. Santiago de Compostela, n. 18, 2012, p. 55.

Foi nessa conjuntura que nasceu o *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, o qual teve de mudar o título para *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, suprimindo a expressão “província”, a partir de sua edição de 1891, tendo em vista a mudança na forma de governo brasileira, com a queda da monarquia e a ascensão republicana, transformando-se as províncias em estados. O *Almanaque* acabaria por atingir significativo sucesso, vindo a circular de maneira ininterrupta entre 1889 e 1917, perfazendo vinte e nove edições nas quais passou por constantes inovações gráficas e de conteúdo, mas sempre sob a batuta de Ferreira Rodrigues. Através das páginas iniciais e finais e da seção *Expediente*, o escritor rio-grandino iria demonstrar suas alegrias e angústias, bem como os alcances e os limites de seu anuário, servindo tais asseverações como elementos discursivos balizadores para se verificar as potencialidades e os obstáculos à execução daquela experiência que traduziu o gosto por este tipo de leitura naquelas terras do extremo-sul do Brasil e até mesmo em outros lugares nos quais circulou.

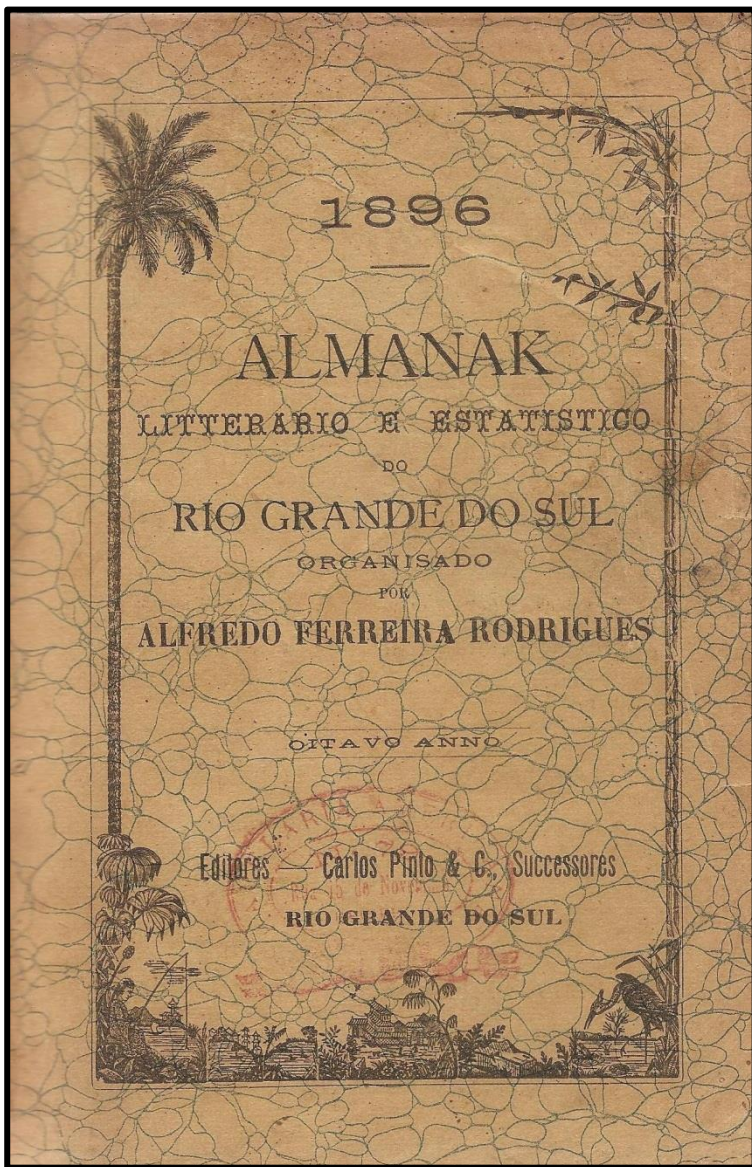
Já na edição original, organizada em 1888, para circular em 1889, Ferreira Rodrigues manifestava seu regozijo por estar publicado o número inicial do *Almanaque*, porém logo atalhava, afirmando que o primeiro passo estava dado, mas que a caminhada até ali fora carregada de obstáculos e contrariedades a vencer para organizar o livro que era entregue ao público. Interessante ressaltar a utilização da expressão “livro”, bem de acordo com os padrões de então de transformar edições periódicas em verdadeiros livros a serem alocados em coleções e bibliotecas, tal qual acontecia

com as edições no formato de fascículos, colecionáveis e com paginação contínua, as quais eram muito típicas entre folhetins publicados nos rodapés dos jornais diários e entre alguns dos periódicos literários que então circulavam. Dentre as dificuldades apontadas por Rodrigues estava a de que faltaram dados de toda a espécie, sobretudo certas informações de procedência oficial com as quais o escritor contava e não pode obter, pois não havia na província um setor sobre estatística regularmente organizado²⁸.

Apesar de tais óbices e revelando seus dotes de pesquisador incansável na coleta de documentos e dados, o organizador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* afirmava que não desanimara, tomando a si o pesado encargo de colecionar os apontamentos que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e progresso da província, de modo que, a partir de todos esses elementos esparsos, pudesse fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública. Ao lançar aquele primeiro número do anuário, Alfredo Ferreira Rodrigues julgava ter conseguido muito, ainda mais porque todo aquele extraordinário trabalho fora feito no prazo de cinco meses, desde que fora encetada a lida, até o dia no qual se concluíra a impressão do *Almanaque*²⁹.

²⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1889*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1888. p. 3.

²⁹ RODRIGUES, *Almanaque para 1889*, p. 3.



Um dos primeiros problemas detectados por Ferreira Rodrigues na elaboração do anuário foi a ausência de apoios, notadamente no que tange à obtenção de dados biográficos. Escrever biografias era uma das preferências do escritor que entabulou uma série de textos sobre personalidade sul-rio-grandenses, notadamente daqueles que tiveram participação na Revolução Farroupilha, de modo que praticamente todas as edições do *Almanaque Literário e Estatístico* possuíam ao menos um texto de cunho biográfico. Diante disso, Alfredo queixava-se do irmão e do filho de um personagem que pretendia biografar para aquele primeiro número, pois, ao pedir informações a eles, só obtivera de um e de outro o mais absoluto silêncio. Nesse sentido, lamentava aquilo que era segundo a sua concepção uma triste verdade, uma vez que, levado pela veneração que merecia a memória do pretenso homenageado, procurando render um preito ao seu talento e patriotismo, dando-lhe o primeiro lugar na galeria dos homens ilustres, haviam sido os seus próprios parentes que se mostraram indiferentes àquele tentame. Mas ele não desistiu e, à última hora, recorrera a um escritor que aceitara apresentar um texto de outra natureza³⁰.

Apesar de tal dificuldade, Alfredo Ferreira Rodrigues mostrava a satisfação do dever cumprido com aquela primeira edição do *Almanaque*, destacando que, na *Parte literária*, a edição fora mais feliz do que na biográfica, já que não faltaram colaboradores em todos os gêneros e aquele anuário poderia orgulhar-se de

³⁰ RODRIGUES, *Almanaque para 1889*, p. 3-4.

contar em suas páginas com composições firmadas por alguns dos primeiros poetas brasileiros. Encerrando a apresentação daquele número original, o organizador afirmava que fizera o possível para bem desempenhar-se de tão difícil e espinhosa missão, de modo que o livro estava ali, não considerando o mesmo como uma obra perfeita e sim, apenas um ensaio e entregava aos leitores a avaliação final, enfatizando que seria a aceitação pública que diria se era ou não merecedor de recompensa aquele modestíssimo trabalho³¹.

Já na segunda edição do *Almanaque*, Ferreira Rodrigues continuava a narrar o conjunto de obstáculos que se interpunham à colocação daquele periódico junto ao público leitor. Dessa maneira, o escritor dizia que não saía o segundo volume como tencionava apresentá-lo, salientando, entretanto, que a culpa não fora sua, pois não havia poupado esforços para dar-lhe o maior desenvolvimento possível, mas dificuldades e contratempos de toda a sorte vieram a travar a marcha regular que pretendia imprimir à obra. Até mesmo as intempéries climáticas constituíram óbices à realização do *Almanaque*, como explicava o próprio organizador, ao destacar que a grande enchente que se fizera sentir em todo o sul da província, causara não pequeno atraso, pois que, tendo sido invadido pelas águas o gasômetro, as oficinas da Livraria Americana ficaram sem motor, sendo, durante um mês, movidas a braço todas as máquinas, do que resultou grande perda de tempo. Somava-se a essa dificuldade a coincidência que ocorrera entre o exercício geral e provincial com o ano civil, impossibilitando a obtenção de certos dados

³¹ RODRIGUES, *Almanaque para 1889*, p. 4.

indispensáveis à *Parte estatística*, só obtidos como muita defasagem³², prejudicando tal seção a respeito da qual Rodrigues procurava ter extremo cuidado na elaboração.

Ainda assim, o organizador buscava demonstrar os avanços da publicação, explicando que conseguira apresentá-la consideravelmente aumentada e enriquecida em qualquer das outras seções, sem ser a *Estatística*, o que seria fácil de verificar, comparando o primeiro e o segundo volume. Apontava também para incremento de um terço a mais de matéria na *Parte literária*, destacando os aprimoramentos tipográficos, como o aumento da largura do corpo das letras, afirmando que, inclusive, pretendia suprimir o tipo miúdo, o que fora impossível, pelo acúmulo de originais e, sobretudo, pelo não pequeno número de artigos demasiadamente extensos. Rodrigues aproveitava aquela apresentação para notificar que a redação do *Almanaque* estava aberta para receber colaborações em qualquer sentido, pedindo unicamente que o tamanho dos artigos fosse proporcional ao espaço à disposição, de modo que pudesse atender a todos. Ao concluir a introdução ao segundo volume, o escritor gaúcho dizia que ali estava o trabalho e que se mais não fizera não fora por falta de esforços, alertando que tal atividade até poderia parecer fácil para alguns, mas só quem uma vez metera ombros a tal empresa é que sabia o quanto custava levar ao cimo da montanha o rochedo de Sísifo³³, comparando sua empreitada ao esforço do personagem

³² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1890*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1889. p. 3.

³³ RODRIGUES, *Almanaque para 1890*, p. 3-4.

mitológico, condenado a rolar uma pedra montanha acima para, chegando ao cume, ter de iniciar novamente sua triste jornada.

Na edição que marcava a retirada do termo “provincia” do nome do *Almanaque*, impressa em 1890 para o ano seguinte, Ferreira Rodrigues abandonava a mensagem de abertura escrita às primeiras páginas, reproduzindo uma característica de seu próprio estilo de escrever, calcado na impessoalidade e em uma ausência praticamente completa da fala do autor, mormente expressando opiniões em suas obras. A partir de então, ao fim do *Almanaque* aparecia a seção *Expediente*, mais protocolar do que as apresentações publicadas nas duas primeiras edições, mas que ainda refletia ao menos em parte o *modus operandi* na confecção de um almanaque. O organizador insistia que o periódico continuava a aceitar colaborações sobre qualquer assunto, desde que não envolvesse ofensa e não ultrapassasse o recato indispensável em uma publicação daquela natureza. Rodrigues esclarecia que havia inteira liberdade de opiniões, não sendo a do diretor do *Almanaque* obstáculo à publicação de qualquer artigo³⁴. Não imaginava ele que, sob a nova forma de governo, tal política editorial aberta à liberdade de expressão viria a ser progressivamente cerceada com as medidas crescentemente autoritárias e coercitivas adotadas pelas autoridades públicas.

Apesar da amplitude que dava ao recebimento de trabalhos de colaboradores, Alfredo Rodrigues fazia

³⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1891*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1890. p. 313.

uma ressalva de ordem técnica, ou seja, que a colaboração fosse variada, para que não aparecesse um nome assinando só charadas ou só poesias, afirmando que tal desequilíbrio acabara por provocar naquele número uma distorção, pois fora obrigado a dar pouco espaço a quem maior direito tinha de reclamá-lo. Entretanto, já anunciava que, para o próximo volume, guardara um arquivo avultado e quase exclusivamente composto de charadas e poesias, de modo que, entusiasmado com tal potencialidade, exclamava – A continuar assim, onde iremos parar?³⁵ –, em clara alusão ao sucesso que os indícios faziam sentir como o provável destino da publicação anual.

Revelando a estrutura organizacional em termos de cronograma, o organizador informava que as correspondências e colaborações deveriam ser remetidas de modo a estarem em seu poder até o mês de abril de cada ano, demonstrando que a feitura do *Almanaque* era uma atividade que se desenvolvia praticamente ao longo do ano inteiro. Ao mesmo tempo, não deixava de mostrar as dificuldades na execução da obra e era com certo constrangimento que Rodrigues registrava as necessárias retificações em relação ao número anterior, apontando que nem os leitores, nem os próprios editores tinham ideia dos motivos de escaparem alguns erros, uma vez que, por mais cuidado que houvesse na revisão das provas, não era possível evitar um ou outro engano, mormente em um livro como o *Almanaque*, considerado como uma verdadeira torre de Babel, tamanha era a acumulação de originais³⁶.

³⁵ RODRIGUES, *Almanaque para 1891*, p. 313.

³⁶ RODRIGUES, *Almanaque para 1891*, p. 313.

Outro dos obstáculos constantemente enfrentado pelo editor do *Almanaque* estava ligado à seção denominada *Parte estatística*, tanto que no número preparado em 1891 para 1892, tal segmento não foi publicado, sob o argumento de que, por mais que fosse pedido, era impossível obter certas informações indispensáveis à sua organização, faltando completamente dados sobre rendas, despesas, importação e exportação do estado, além de outros de não menor importância. A tais dificuldades, somava-se o fato de que o recenseamento populacional feito recentemente só permitira que fossem coligidos dados relativos a uma ou outra localidade e, assim mesmo, alguns deles incompletos. Desse modo, o organizador explicava que, na contingência de apresentar um trabalho sem valor algum, ou demorar ainda mais para lançar o novo volume, resolvera suprimir a *Parte estatística*, tomando o compromisso de, para o ano seguinte, dar um estudo de maior valia. Ainda que tivesse suprimido aquele segmento, Rodrigues apresentava uma seção que viria a ser um dos pontos altos da publicação, com a organização de um concurso de charadas que prometia a publicação dos nomes dos melhores charadistas³⁷. Assim, o *Almanaque* ganhava força não só como difusor da leitura, mas associando tal ato ao próprio entretenimento e, além disso, iniciava-se uma rede de leitores de variados lugares que interagiam com o editor da publicação.

³⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1892*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1891. p. 293-295.

Na primeira metade da década de noventa do século XIX, o Rio Grande do Sul passaria por um período de grandes atribulações político-ideológicas que acabariam por redundar em implacável violência, tendo em vista as disputas pelo poder entre governistas e oposicionistas, mas nem mesmo essas instabilidades interromperiam a circulação do *Almanaque*. Como era de seu feitio, Alfredo Ferreira Rodrigues evitava falar dos confrontos partidários, preferindo concentrar-se nos empecilhos de ordem técnica que afligiam a edição do anuário, afirmando que começavam as dificuldades com o pessoal, que a custo se conseguia, minguado e em parte pouco habilitado. À falta de uma equipe especializada, somavam-se outros contratempos, pois, quando estavam os dados quase todos coligidos e só faltava organizá-los, era a impressão que atrasava e urgia apressá-la para sair o *Almanaque* a tempo de ser exposto à venda em todos os pontos da República e no estrangeiro antes do fim do ano, além do que, nos últimos dias, houvera um desarranjo na impressora, a qual ficara parada por uma semana. Apesar de tais óbices, o organizador revelava que a rede de leitores do anuário já se espalhava além do território sul-rio-grandense, atingindo também várias partes do Brasil e do exterior. O prazo para a entrega de originais dos colaboradores seria prorrogado até maio, de modo a receber maior quantidade de material e o concurso charadístico começava a aparecer como uma estratégia de sucesso, iniciando-se a publicação de uma lista de decifradores que envolvia pessoas dos mais variados lugares do país, demarcando o alcance do *Almanaque*³⁸.

³⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e*

Essa tendência de expansão dos leitores além do âmbito gaúcho ficava bem expressa no *Expediente* do sétimo volume, na afirmação de que este tivera maior desenvolvimento que os anteriores, compreendendo não só assuntos relativos ao Rio Grande do Sul, mas também aos outros estados do Brasil, de maneira a procurar corresponder ao acolhimento que a publicação vinha tendo em toda a parte. O objetivo era assim tornar o *Almanaque*, pouco a pouco e na medida das forças do editor, um livro que interessasse a todos. Para tanto, era salientado que seria necessário o auxílio das pessoas competentes, sendo solicitado a todos que estudavam e trabalhavam pelo progresso nacional que remetessem dados estatísticos, informações úteis, descrições de localidades, apontamentos geográficos e narrativas históricas. Nesse sentido, o organizador manifestava confiança de que não lhe seria negado auxílio e, com o esforço de uns e de outros, seria feito um livro, útil e apreciável. Tais propostas revelavam que, apesar da decisiva relevância da participação do editor, o anuário já passara a também constituir uma verdadeira obra de natureza coletiva. Apesar de alguns percalços o concurso charadístico ganhava corpo, enfrentando problemas como acusações de plágio, caso de um enigma copiado de outro almanaque, sendo o autor da imitação identificado, tirando-se, assim, “as penas de pavão à gralha pretensiva”³⁹.

Estatístico do Rio Grande do Sul para 1893. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1892. p. 283-287.

³⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1894*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1893. p. 287-291.

Desse modo, as edições do *Arquivo Literário e Estatístico* continuavam, apesar do Rio Grande do Sul estar mergulhado em uma acirrada guerra civil, a Revolução Federalista, que durou de 1893 a 1895. Os avanços do anuário eram informados por Alfredo Rodrigues ao destacar que na edição para 1895 deixaram de aparecer muitos artigos que foram remetidos para a redação, uma vez que, para dar lugar a todos, seria preciso o dobro de páginas da *Parte literária*, em uma clara identificação de que a quantidade de trabalhos enviados pelos colaboradores multiplicava-se crescentemente. Nessa linha, o organizador da obra explicava que a cada colaborador fora dado, salvo raríssimas exceções, lugar para apenas uma contribuição, para assim terem entrada outros, não chegando, apesar disso, o espaço para todos⁴⁰.

A *Parte estatística* continuava a constituir um dos sérios óbices para o editor do anuário, tanto que ele resolveu substituí-la por uma seção de *Estatística, história e geografia* relativa ao Rio Grande do Sul. Tal resolução advinha da impossibilidade de obter certos dados, por falta de um serviço de estatística regularmente organizado, de modo que os apontamentos coligidos eram sempre incompletos e por vezes se distanciavam da verdade, além do que muitos dos dados pedidos chegavam tarde demais em relação à impressão, deixando de ser publicados para não atrasar o aparecimento da obra. Rodrigues supunha que tal alteração não iria prejudicar o interesse pelo livro, pois

⁴⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1895*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1894. p. 275.

sempre que tivesse dados minuciosos não deixaria de publicá-los, como naquele caso em que apareciam o resultado do recenseamento de 1890 e uma notícia sobre as novas colônias do estado. Em compensação à seção estatística, o organizador prometia publicar, além dos dados geográficos e históricos que fossem remetidos ou coligidos, uma monografia sobre pontos pouco conhecidos ou mal estudados da história gaúcha, de modo que seriam recebidos com especial agrado todos os trabalhos de história e geografia sobre o estado que viriam a enriquecer as páginas do *Almanaque*⁴¹.

O concurso charadístico continuava mobilizando leitores de norte a sul do Brasil e até da vizinha República do Uruguai, mas, ainda que não tivesse impedido mais uma edição do anuário, a conjuntura geral de enfrentamento bélico a qual estava submetido o país também traria algum tipo de efeito sobre a obra. Nesse sentido, o número de decifradores que vinha mantendo uma tendência de crescimento, acabou por ter um decréscimo, advindo tal acontecimento das dificuldades ocorridas na expedição do *Almanaque*, por terem ficado para alguns pontos suprimidas e para outros muito irregulares as comunicações, havendo atrasos no envio até mesmo para os estados mais próximos como Santa Catarina e Paraná, de modo que, com tão curto espaço de tempo, os decifradores desistiram da tarefa em sua maior parte, ainda que alguns não tenham esmorecido⁴². Além do controle coercitivo à liberdade de expressão, o estado de exceção vivido pelo Brasil criava obstáculos ao próprio sistema

⁴¹ RODRIGUES, *Almanaque para 1895*, p. 275-276.

⁴² RODRIGUES, *Almanaque para 1895*, p. 277-279.

de correios nacional, com a fiscalização das correspondências e os impedimentos causados pela guerra que não trazia apenas os prejuízos socioeconômicos, mas também os culturais.

O término da conflagração militar serviria para que a publicação voltasse à sua normalidade fundamentalmente no que tange à distribuição, permanecendo a obra aberta ao recebimento de colaborações em prosa e verso, bem como as dedicadas ao entretenimento. Tal retorno à rotina era também revelado pelo já tradicional concurso charadístico que recuperou o número de participantes que se distribuíam pelo território nacional do Pará ao Rio Grande do Sul⁴³. Nessa época, o reconhecimento intelectual do organizador do *Almanaque* também aparecia em destaque no anuário, sendo divulgada como uma honrosa distinção o fato de Alfredo Ferreira Rodrigues ter recebido o título de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, considerado, dentre as associações científicas nacionais, como a que maior soma de serviços tinha prestado ao país. O ingresso do escritor nessa entidade devera-se a trabalhos publicados no próprio *Almanaque*, manifestando o diretor do anuário a sua felicidade por ver os seus modestos trabalhos aceitos e aplaudidos por aquela “benemérita e sábia associação”, considerando essa rara distinção que recebera como um incentivo para prosseguir em seus estudos da história rio-grandense, de modo que o reconhecimento daquele grupo de intelectuais estendia-

⁴³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1896*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1895. p. 279-283.

se do próprio autor à sua obra. Quanto às seções de entretenimento, com alegria, Rodrigues dizia que crescera a maré, aumentando o número de decifradores das charadas, os quais eram oriundos de todas as regiões do país, havendo representantes do sul, do centro, do nordeste, do norte e do centro-oeste⁴⁴.

Quando o *Almanaque* chegou ao décimo ano de existência, seu organizador anunciava que a publicação se apresentava com melhoramentos em todas as suas seções, de modo a corresponder ao favor sempre crescente que o público lhe vinha dispensando. Rodrigues passava a detalhar algumas das melhorias, informando que no segmento *Calendário* fora mais desenvolvida a lista de festas religiosas e nacionais, abrangendo esta última os dias feriados em quase todos os estados da República. Ainda sobre os melhoramentos, dizia o editor que a *Parte literária*, além de encerrar mais matéria que qualquer dos volumes anteriores, por ter maior número de páginas e ser a composição mais cerrada, não existindo quase espaços em branco, estava naquele ano ilustrada com muitos retratos de brasileiros ilustres, executados alguns por um moderníssimo processo de gravura tão perfeito como a mais fiel reprodução fotográfica⁴⁵. Os aprimoramentos e os cuidados com a divulgação dos feriados bem demonstravam o alcance do anuário em vários locais do

⁴⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1897*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1896. p. 311-315.

⁴⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1897. p. 323.

território nacional e as inovações tipográficas serviam também para manter e aumentar o público leitor.

Uma das grandes preocupações da publicação com dados ligados à estatística também foi incluído no rol das inovações daquela décima edição, sendo explicado que a seção de *Indicações* passava a conter muitos dados novos, sendo digna de nota a *Tabela de câmbio* que fora cuidadosamente organizada, verificada cálculo por cálculo, com o câmbio de 1/16 em 1/16 e os valores das moedas até três casas decimais, tornando os resultados obtidos tão dignos de confiança que, por exemplo, em um cálculo de dez mil libras, não haveria diferença de dez réis. Além disso, tal levantamento, pela sua disposição seria de fácil e rápida consulta, podendo-se dizer que nenhuma outra publicação daquele gênero apresentava uma tabela tão completa e tão perfeita⁴⁶. Essa melhoria promovida pelo anuário refletia a importância de tais dados numéricos, notadamente os voltados às atividades mercantis e cambiais, demonstrando a inserção do Brasil no mercado mundial, em sua tradicional posição de país agroexportador e receptor de investimentos e produtos industrializados.

A intenção de expandir-se além das fronteiras sul-rio-grandenses, avançando em direção aos mais longínquos lugares do Brasil também justificavam as inovações promovidas no anuário, afirmando seu organizador que, apesar da publicação ser mais especialmente consagrada a assuntos do Rio Grande do Sul, havia uma preocupação em dar maior desenvolvimento à matéria referente a todo o país, de modo a torná-la um livro não de interesse puramente

⁴⁶ RODRIGUES, *Almanaque para 1898*, p. 323.

local, e sim geral. Além disso, Rodrigues anunciava que não parariam ali os esforços no intuito de tornar o *Almanaque* uma publicação em tudo digna de apreço público e fora do cotejo com outras semelhantes. Na décima edição, a popular seção charadística mantinha o número de decifradores, cujos nomes dos mais destacados continuavam a ser identificados nas páginas do anuário, demonstrando que leitura do mesmo ainda se fazia presente nos mais variados pontos do Brasil⁴⁷.

O sucesso do anuário era reproduzido nos seus próprios anúncios, os quais informavam que estavam publicados onze volumes daquele livro, que vinha apresentando importantes reformas e melhoramentos. O preço de capa daquela publicação, descrita como possuindo mais de trezentas páginas, em tipo miúdo e composição cerrada, custava 1\$000 réis nas três cidades gaúchas atendidas pela Livraria Americana (Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande) e 1\$200 réis fora delas. Entretanto, demonstrando que possuía um significativo mercado consumidor, era informado que a edição de 1892 já estava esgotada e que havia raros exemplares do número de 1893, que chegavam a ser vendidos por 5\$000 réis. O décimo primeiro volume foi também apresentado como sensivelmente melhorado, pois, além do desenvolvimento dado à *Parte literária*, que abrangia maior número de textos sobre “brasileiros ilustres”, acompanhados de retratos executados por um moderníssimo processo de gravura, fora ampliada a *Crônica*, enriquecida também com retratos e apontamentos biográficos dos “rio-grandenses distintos” falecidos durante o ano. Era anunciado ainda que a

⁴⁷ RODRIGUES, *Almanaque para 1898*, p. 323-327.

seção de *Indicações* fora igualmente melhorada, refundindo-se muitos mapas, a que se deu uma nova feição, de modo a facilitar e tornar mais rápida a consulta, além do grande número de dados que foram acrescentados. Mais uma vez Rodrigues garantia que não parariam naqueles os seus esforços, prevendo para o próximo número outras reformas importantes, procurando assim tornar o *Almanaque* em tudo e por tudo uma publicação digna do favor público, que lhe vinha sendo liberalmente dispensado⁴⁸.

Nos anos finais do século XIX e iniciais da centúria seguinte, o *Almanaque* passava por seu apogeu, sendo registrado que os próprios leitores haviam elogiado a sua composição mais bem feita e mais engenhosa. O concurso charadístico continuava em expansão, chegando o organizador a afirmar que subira a maré como nunca, pois o número de decifradores de vários locais do país atingira cifra maior que a de qualquer dos anos antecedentes. Ainda assim, os problemas continuavam a acontecer, explicando o editor que, em consequência da demora havida na execução dos clichês encomendados em tempo para o décimo segundo volume, não pudera ser a seção biográfica acompanhada, como de costume, do respectivo retrato, de modo que, para não demorar mais o aparecimento do anuário, deixara-se de incluir tal figura, ficando

⁴⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1898. contracapa e p. 323.

anunciado que o mesmo ocorreria na edição seguinte⁴⁹. Apesar de todas as tentativas de aprimoramento, a publicação ainda se via atormentada pelos obstáculos de ordem técnica.

Na edição destinada ao primeiro ano do século XX, mantinha-se a tendência de avanços, tanto que Alfredo Ferreira Rodrigues destacava que o número de decifradores das charadas subira como nunca naquele ano. Já havia, inclusive, quase que um banco de colaborações que ficavam guardadas para as próximas edições. O organizador, entretanto chamava atenção para o árduo trabalho de colocar aquele tipo de obra nas mãos do público leitor, enfatizando, por exemplo, que vinham sempre composições charadísticas sem a competente decifração, as quais deixariam de ser publicadas, pois não sobrava a ele tempo para combinar logogrifos ou resolver quebra-cabeças, além disso, pedia para que os decifradores indicassem o número de composições decifradas, de modo a facilitar a conferência e evitar o enfadonho e demorado trabalho da contagem⁵⁰. Tais avisos e reclamos de Rodrigues confirmavam que a publicação do anuário era praticamente uma atividade individual, ficando a organização da obra concentrada em suas mãos.

A partir de sua décima quarta edição, a de 1901 para 1902, o *Almanaque* passou a publicar uma

⁴⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1900*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1899. p. 2 e 27-31.

⁵⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1901*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1900. p. 291-295.

autopropaganda que se repetiria em vários dos números seguintes, na qual o editor definia a obra como um interessante livro que, além de variadíssima e escolhida seção literária, na qual figuravam poesias e artigos assinados por distintos escritores brasileiros e portugueses, encerrava também valiosos documentos e estudos sobre história, estatística e geografia do Brasil e particularmente do Rio Grande do Sul. O anúncio chegava a destacar o *Almanaque* como a publicação mais importante de todo o Brasil, dizendo ainda que as suas diversas seções o tornavam um livro de consulta obrigatória a quantos se interessassem pelas tradições do passado. Revelando o intento de ser um trabalho colecionável, a propaganda destacava que o grande número de biografias de brasileiros ilustres publicadas em todos os volumes e acompanhadas de retratos, aumentava ainda mais o valor da publicação, cuja coleção deveria fazer parte da livreria de todos os estudiosos. Desse ano em diante o envio de originais de parte dos colaboradores foi antecipado de maio para abril, revelando a intenção de adiantar a preparação da obra e o número de participantes da seção charadística manteve-se estável⁵¹, tendência que permaneceu na edição seguinte⁵².

⁵¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1902*. Rio Grande: Tipografia da Livreria Americana, 1901. contracapa e p. 291-295.

⁵² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1903*. Rio Grande: Tipografia da Livreria Americana, 1902. p. 283-289.

Tal estabilidade manteve-se no próximo número, mas para aprimorar a seção de entretenimento e evitar certas reclamações, o organizador optou por modificações na mesma, explicando que, no intuito de tornar a leitura do *Almanaque* cada vez mais atraente, resolvera sujeitar as composições charadísticas a certas regras, de modo a transformá-las em um passatempo instrutivo, um jogo de espírito e uma diversão agradável⁵³. A cada edição, Ferreira Rodrigues tendia a tecer menos comentários sobre a confecção do anuário, incluindo apenas os avisos rotineiros, ficando o *Expediente* cada vez mais centrado nos debates em torno das charadas. Em um primeiro momento, as reformas na seção charadística pareciam ter promovido um impacto negativo, pois, na edição seguinte, o número de decifradores baixou sensivelmente⁵⁴, vindo a recuperar-se no próximo número⁵⁵, para novamente diminuir no seguinte⁵⁶. Além desse debate em torno do segmento de entretenimento e das informações quase que protocolares, o organizador fazia referência a uma ou outra possibilidade de plágio, mas sem envolver-se na

⁵³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1904*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1903. p. 283-289.

⁵⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1905*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1904. p. 295-301.

⁵⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1906*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1905. p. 279-287.

⁵⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1907*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1906. p. 277-291.

discussão, limitando-se a divulgar as impressões das partes descontentes⁵⁷.

A conciliação dos afazeres profissionais de Alfredo Ferreira Rodrigues com a elaboração do *Almanaque* tornava-se cada vez mais difícil, ainda mais quando ele teve de se afastar da Livraria Americana para trabalhar como caixeiro viajante. Os primeiros efeitos se expressaram através das poucas manifestações a respeito de progressos editoriais expressas na seção *Expediente*, a qual deixava de registrar outras observações que não fossem as rotineiras, notadamente às ligadas às charadas e seus decifradores. Ocasionalmente apareciam avisos, como o de um escritor que organizava um livro em Pernambuco e solicitava notas biográficas, retratos e boas produções de poetas pernambucanos⁵⁸, revelando o alcance geográfico que o anuário gaúcho ainda atingia. Apesar de certos avanços no número de participantes na seção charadística⁵⁹, a tendência mais constante era a de diminuição. O progressivo afastamento de Rodrigues e seus extremos cuidados editoriais começavam a fazer

⁵⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1908*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1907. p. 265-274.

⁵⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1909*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1908. p. 275-286.

⁵⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1910*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1909. p. 275-288.

efeito, chegando a haver, por descuido da revisão, a publicação de trabalhos sem a indicação de autoria⁶⁰.

O caráter unipessoal que marcava a edição do *Almanaque* ficava expresso no próprio aviso publicado no *Expediente* do seu vigésimo quarto número, informando uma mudança de endereço, de modo que toda a correspondência relativa à parte literária e histórica enviada para o anuário deveria ser endereçada a Alfredo Ferreira Rodrigues, na Drogaria Franco-Brasileira, uma vez que ele tivera de deixar a Livraria Americana. O organizador mudara de atividade, mas ainda tentava conservar a publicação que mantivera por quase um quarto de século. Entretanto, o declínio já se fazia sentir, tanto que, mesmo em uma das sessões mais populares, ligada aos concursos charadísticos, os números começavam a decrescer, como dito no próprio *Expediente* que informava que naquele ano baixara a onda, com a diminuição quantitativa, mas, ainda assim ressaltava que, o número reduzira-se, mas não diminuiria o entusiasmo. Os efeitos das novas incumbências de Alfredo Rodrigues também faziam sentir seus efeitos, como na justificativa de uma retificação, a qual afirmava que, devido à ausência do editor, a revisão das provas não fora feita pessoalmente por ele, como de costume, de modo que escaparam alguns enganos⁶¹.

⁶⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1911*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1910. p. 277-289.

⁶¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1912*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1911. p. 273-281.

Ao completar o vigésimo quinto aniversário, o *Almanaque* revelava o pequeno número de listas recebidas dos decifradores das charadas, além disso, lamentava que, mais uma vez, escaparam muitos erros na revisão das provas, notadamente na numeração das composições charadísticas, a qual saiu toda errada, devido a descuido do revisor⁶². Rodrigues passava cada vez mais a repassar funções a terceiros que, por sua vez, não mantinham os seus mesmos cuidados com o padrão editorial. O gosto pelas charadas parecia diminuir, apresentando essa seção números cada vez menores e, em proporção inversa, a quantidade de erros avolumava-se. Com certa angústia, o organizador do anuário afirmava que, infelizmente, por ter sido feita a edição longe dos seus olhos, pululavam os erros de revisão, caso de uma tradução na qual escaparam algumas falhas que alteraram o seu sentido, de um estudo que saiu sem assinatura, de um capítulo no qual a identificação de autoria saíra em lugar incorreto e de um artigo que fora editado de maneira truncada, ficando o texto interrompido. Diante disso, o diretor do anuário pedia desculpas ao público por tantas faltas, esperando que o leitor inteligente soubesse fazer as correções que escaparam ao revisor⁶³.

Apesar da tentativa de receber mais colaborações, com a prorrogação da recepção das mesmas até maio de

⁶² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1913*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1912. p. 271-275.

⁶³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1914*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1913. p. 288-292.

cada ano, o *Almanaque* dava sinais de que seu período áureo estava passando. O número de participantes da sessão charadística caía cada vez mais drasticamente e os deslizos tipográficos continuavam a aparecer nas páginas do anuário. Mais uma vez Alfredo Rodrigues lamentava que continuassem a ocorrer os erros de revisão, lastimando o esquecimento da assinatura em um artigo, além do que, por descuido do paginador, fora incluído na *Parte literária*, e como fecho dela, o reclamo de um preparado, o qual deveria estar publicado nas *folhas de anúncios* e nunca como material de texto, o que era contra a norma mantida havia vinte e sete anos pela direção do *Almanaque*, não sendo, portanto, desnecessária aquela observação⁶⁴.

Tal qual a participação efetiva de Alfredo Ferreira Rodrigues na edição de todos os segmentos do *Almanaque*, o número de leitores, como o de decifradores das charadas, cada vez mais decrescia. Além disso, a própria conjuntura internacional, agitada pela conflagração bélica em escala mundial também afetava a elaboração do anuário. Nesse sentido, o organizador afirmava que, em consequência das dificuldades cada vez maiores de obter papel de impressão, ocorreu uma inevitável redução no número de páginas na edição de número vinte e oito. Apesar de tal obstáculo, Rodrigues enfatizava que considerara preferível naquele ano levar ao público um anuário um pouco menor, a ter de suspender a sua publicação, como teriam sido obrigadas

⁶⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1915*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1914. p. 281-283.

a fazer outras obras congêneres⁶⁵. Na vigésima nona e última edição do *Almanaque* viriam a se confirmar as tendências até então prenunciadas, com a culminância de uma cada vez mais progressiva diminuição de participantes naquela verdadeira rede de leitores interessados em cultura e entretenimento⁶⁶.

Terminava assim o último resquício dos sonhos literários de Alfredo Ferreira Rodrigues. A extinção do *Almanaque* em 1917 refletia as próprias ações de seu organizador, que anunciara ter “morrido para as letras”, bem como perdera o “vício” de pesquisar e escrever, de modo que, após essa data, foram pouquíssimos os textos que publicou. Ao lado da intrincada conjuntural internacional marcada pela guerra e a consequente falta de suprimentos para a edição do anuário, uma vez que tudo – do papel aos clichês – era importado, os esforços de Ferreira Rodrigues voltavam-se cada vez mais à sobrevivência própria e da família, afastando-se das lides literárias. O *Almanaque* foi o último bastião no qual Rodrigues sustentou a intenção de expandir a cultura por meio da leitura, mas a fria realidade revelava que viver a partir “das letras” era uma empreitada de difícil realização.

Refletindo as lides intelectuais de seu tempo, com um vastíssimo rol de conhecimentos nas mais variadas áreas do saber humano, Rodrigues agia diretamente na

⁶⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1916*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1915. p. 188-189.

⁶⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1917*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1916. p. 202-203.

elaboração de cada uma das etapas do *Almanaque*, como na redação dos textos, notadamente dos históricos e biográficos, não contribuindo só com a prosa, atuando também como poeta, na coleta dos dados, na recepção e classificação das colaborações, na coordenação da seção de charadas e nas diversas etapas da revisão, de modo que a sua presença era decisiva para a existência do anuário. O escritor/editor vislumbrou a potencialidade de difundir a leitura por meio de um anuário, que, com esmero e carinho, sustentou por quase três décadas. Assim, por meio do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, seu organizador atingiu o intento da difusão cultural, vindo até mesmo a expandi-lo, tendo em vista o sucesso obtido por tal publicação, com sua verdadeira rede de leitores e colaboradores espalhada por várias localidades do vasto território brasileiro⁶⁷.

Nessa linha, o almanaque editado por Ferreira Rodrigues serviu como um elo em meio à intelectualidade, incluindo a local, em meio à ebulição cultural da cidade do Rio Grande. Em tal contexto esteve incluso um outro pesquisador/historiador que residiu na comuna portuária e tornou-se assíduo colaborador do anuário. Tratava-se de José Arthur Montenegro que, ao longo de sua curta vida, se dedicou incansavelmente à pesquisa/coleta de documentos. Ele nasceu em fevereiro de 1864, em Uruburetama, no Ceará. Não há maiores informações quanto à sua formação estudantil, ficando demarcado que, órfão muito cedo, teve de dedicar-se ao

⁶⁷ Texto adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa periódica na cidade do Rio Grande: dois breves estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande, Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2025. p. 75-112.

trabalho ainda bastante jovem. Primeiramente voltou-se às lides comerciais para, em seguida, atuar na vida marítima, viajando pelas costas brasileiras, entre 1878 e 1880, praticando o estudo da pilotagem. Sem condições para continuar a educação naval, deslocou-se para o sul para cursar a Escola Militar de Porto Alegre, na qual permaneceu de 1881 a 1884.

Dedicou-se à vida militar, com expedições em Santa Catarina, chegando inclusive a ser ferido, e mais constantemente no Rio Grande do Sul, onde atuou em várias ações na fronteira com o Uruguai, como por ocasião de uma revolução no território oriental, em 1885, e de uma eclosão epidêmica de cólera no país vizinho, em 1887. Permaneceu no exército, junto ao comando da fronteira e guarnição, até 1889. Nesse ano, mantendo-se no Rio Grande do Sul, ingressou na Estrada de Ferro Porto Alegre a Uruguaiana, atuando como amanuense e arquivista. Com a saúde abalada, voltou à sua terra natal, em 1897, vindo a ser secretário da Estrada de Ferro de Baturité. Uma vez arrendada tal empresa, retornou ao Rio Grande do Sul, empregando-se como encarregado de arrecadar o material pertencente à Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana. Posteriormente, passou a secretariar a empresa Southern-Brazilian Rio Grande do Sul, entre 1899 e 1901. Enquanto esteve no sul, estabeleceu moradia na cidade do Rio Grande, onde formou família e viria a ocorrer sua prematura morte, causada por tuberculose, aos trinta e sete anos, em abril de 1901.

Tais encargos profissionais garantiam o sustento de Montenegro e o de sua família, mas sua maior vocação estava ligada à pesquisa documental, desenvolvendo uma carreira paralela como historiador e

geógrafo, entre outros ramos do conhecimento, de acordo com os padrões intelectuais de então. A vida de pesquisador viria a trazer-lhe significativo reconhecimento, tanto que ele pertenceu a várias instituições acadêmico-intelectuais, em diferentes pontos do Brasil e mesmo no exterior, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o Instituto Geográfico Argentino, o Ateneu de Buenos Aires, o Centro Literário do Ceará, a Academia Cearense, a Associação Guerreiros do Paraguai, o Instituto de Coimbra e a Associação dos Homens de Letras de Caracas.

O fulcro de suas pesquisas esteve voltado aos estudos sobre a Guerra do Paraguai, aos quais dedicou boa parte de sua vida, embora tenha voltado também sua atenção para outras temáticas. Sua ação fundamental como pesquisador direcionou-se à coleta de documentos, para a qual desenvolveu verdadeira rede de comunicações com outros estudiosos e militares que participaram da Guerra da Tríplice Aliança. Muitos de seus estudos viriam a ser publicados por meio da imprensa periódica, método muito comum aos pesquisadores de então, quando, diante das dificuldades na edição de livros, o jornalismo servia para difusão/divulgação das pesquisas. Nesse sentido, boa parte da produção intelectual de José Arthur Montenegro foi publicada em diversos periódicos, notadamente sul-rio-grandenses e cearenses. Apesar de sua profícua pesquisa, foram poucas as obras de sua lavra editadas no formato de livros, caso de *Notas para a*

carta geográfica do Rio Grande do Sul (1895) e *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai* (1900). Sua atuação na coleta de documentos foi também coroada com a publicação de livros por ele traduzidos, introduzidos e/ou anotados, como *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1891), *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre* (1893), *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi* (1895) e *O Uruguai* (1900).

Outras pesquisas projetadas por Montenegro foram publicadas, parcial ou integralmente, junto à imprensa, como foi o caso de *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881; Cristóvão Colombo e o descobrimento da América; Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*; além de vários outros trabalhos. Tais edições ficaram espalhadas por periódicos como os gaúchos *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (Rio Grande), *Almanaque Popular Brasileiro* (Pelotas), *A Atualidade* (Rio Grande), *Correio Mercantil* (Pelotas), *Diário do Rio Grande* (Rio Grande) e *Eco do Sul* (Rio Grande); os cearenses *A República*, *Revista da Academia Cearense* e *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará* (todos de Fortaleza); bem como no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Outras dentre suas obras projetadas acabaram por permanecer inéditas, como foi o caso dos títulos *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, planeada para oito volumes; *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*;

*Dicionário das madeiras do Brasil; As ilhas do Brasil; e Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*⁶⁸.

Para empreender sua obra, o escritor promoveu uma constante comunicação com vários pesquisadores no contexto local, nacional e internacional. Dessa maneira, correspondeu-se com estudiosos e artistas, alguns pouco conhecidos, outros que conquistaram notável reconhecimento intelectual, bem como com alguns dos atores sociais remanescentes em relação aos eventos históricos abordados. Seus contatos iam do pessoal ao institucional, granjeando-lhe também certa notoriedade, daí o pertencimento a tantas entidades culturais em várias partes do Brasil e do mundo. As missivas enviadas por Montenegro, além de promover o intercâmbio cultural, visavam à busca de dados e documentos que, peça por peça, viriam a compor seus estudos⁶⁹.

Alguns dos maiores projetos de Arthur Montenegro, notadamente os voltados aos estudos acerca da Guerra do Paraguai, acabaram não sendo concluídos da forma que ele esperava, com a publicação

⁶⁸ Dados biográficos e bibliográficos elaborados a partir de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.; MARTINS, 1978. p. 375-376.; e VILLAS-BÔAS, 1974. p. 325.

⁶⁹ ALVES, Francisco das Neves. O historiador José Arthur Montenegro. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: registros textuais e iconográficos*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 12-16.

de livros. A necessidade de dedicar boa parte de seu tempo para as atividades laborais que lhe davam sustento, as tantas dificuldades e os altos custos que envolviam a produção de obras bibliográficas, a doença e a morte precoce foram alguns dos fatores que não lhe permitiram aquela culminância. Entretanto, seu incansável trabalho de amealhar fontes, executar pesquisas e escrever textos permaneceu intenso, de modo que os periódicos apareciam como importante alternativa para a difusão de sua obra. Ao mesmo tempo, seu reconhecimento intelectual servia para ilustrar as páginas dos periódicos, propiciando um atrativo para os leitores⁷⁰.

Foi o caso das colaborações de Montenegro no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Como era uma das marcas editoriais desse anuário a presença dos textos de natureza histórica, biográfica e geográfica, a publicação constituiu um espaço ideal para a inserção dos escritos do pesquisador cearense/gaúcho. Nesse sentido, o escritor foi colaborador do almanaque em diversas oportunidades, com textos na maior parte voltados à sua temática preferida, a Guerra do Paraguai. O reconhecimento intelectual do autor foi tão notório que sua presença na publicação rio-grandina estendeu-se a período posterior ao seu falecimento. Nessa linha, ainda em vida, contribuiu com os artigos “Batalha do

⁷⁰ ALVES, Francisco das Neves. José Arthur Montenegro e a imprensa periódica. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Arquivo Montenegro: colaborações na imprensa periódica e documentação fotográfica*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 13-14.

Tuiuti”⁷¹, “Combate de Iatai-Corá”⁷², “O forte de Nova Coimbra”⁷³, “Batalha de Avaí”⁷⁴, “Tomada de Machorra”⁷⁵, “Uma bala histórica”⁷⁶, “Floriano Vieira Peixoto”⁷⁷ e “O marquês de Tamandaré”⁷⁸. Em continuidade, mesmo após a morte de Montenegro, o *Almanaque* continuou a homenageá-lo com a publicação/transcrição de seus escritos, como “O

⁷¹ MONTENEGRO, José Arthur. Batalha de Tuiuti. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1892*. Rio Grande: Livraria Americana, 1891. p. 97-102.

⁷² MONTENEGRO, José Arthur. Combate de Iatai-Corá. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1892*. Rio Grande: Livraria Americana, 1891. p. 217-220.

⁷³ MONTENEGRO, José Arthur. O forte de Nova Coimbra. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1893*. Rio Grande: Livraria Americana, 1892. p. 215-216.

⁷⁴ MONTENEGRO, José Arthur. Batalha de Avaí. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1894*. Rio Grande: Livraria Americana, 1893. p. 229-232.

⁷⁵ MONTENEGRO, José Arthur. Tomada de Machorra. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1895*. Rio Grande: Livraria Americana, 1894. p. 161-164.

⁷⁶ MONTENEGRO, José Arthur. Uma bala histórica. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1896*. Rio Grande: Livraria Americana, 1895. p. 237-240.

⁷⁷ MONTENEGRO, José Arthur. Floriano Vieira Peixoto. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, 1897. p. 203-210.

⁷⁸ MONTENEGRO, José Arthur. O marquês de Tamandaré. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Livraria Americana, 1898. p. 83-90.

comissariado durante a revolução”⁷⁹, “A epopeia paraguaia”⁸⁰ e “Uma bandeira gloriosa”⁸¹.

De acordo com a preferência do pesquisador, a abordagem da História Militar era predominante em “Batalha de Tuiuti”, primeiro artigo publicado por José Arthur Montenegro no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, no qual esse evento bélico era descrito em suas minudências. Ao longo do artigo, o escritor não perdia a oportunidade para tecer críticas ao líder paraguaio, verdadeira personificação do inimigo, considerando que o mesmo temia “sempre ser atraído pelos seus melhores e mais fieis servidores”, exigindo o “juramento de sacrificarem o último soldado, contanto que fosse assegurada a vitória”. Por outro lado, a ação brasileira era qualificada como “brava”, “destemida” e “heroica”. Ao final, o autor apontava para a “medonha hecatombe”, representada pela guerra e lembrava os efeitos que a morte dos soldados viriam a promover junto de suas famílias.

Ao escrever “Combate de Iatai-Corá”, Montenegro pretendia apresentar um excerto do seu livro ainda inédito “História da Guerra do Paraguai” e mais uma vez concentrava o texto nos acontecimentos

⁷⁹ MONTENEGRO, José Arthur. O comissariado durante a revolução. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1904*. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1903. p. 97-99.

⁸⁰ MONTENEGRO, José Arthur. A epopeia paraguaia. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1905*. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1904. p. 125-132.

⁸¹ MONTENEGRO, José Arthur. Uma bandeira gloriosa. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1914*. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1913. p. 208-210.

militares, os quais eram descritos detalhadamente. Mais uma vez havia censuras às atitudes de Francisco Solano Lopez, com o questionamento do motivo pelo qual ele teria arriscado tantos homens em uma empreitada de difícil execução. Na opinião do escritor, o objetivo do líder paraguaio era apenas o de adestrar suas tropas para enfrentamentos posteriores, demarcando que nem mesmo em tal escopo conseguira sucesso.

Também apontado como um excerto do livro no prelo “História da Guerra do Paraguai”, Arthur Montenegro publicou no anuário rio-grandino o artigo “O forte de Nova Coimbra”. Tratava-se da descrição de uma fortificação que, desde a época colonial, teria servido para a defesa do território brasileiro. O autor considerava que a fortaleza em questão, apesar do papel que tivera no passado, já não mais comportava condições de sustentar a defesa do território à época da Guerra da Tríplice Aliança, apontando os motivos para a sua asseveração. Em conclusão, o historiador afirmava que aquela “pequena guarnição, encerrada no estreito recinto da praça”, não poderia “deter a marcha do invasor, servindo apenas de pequeno tropeço à marcha de um inimigo audaz e bem comandado”.

No artigo “Batalha de Avaí”, o autor propunha-se a tratar de “episódios” do evento histórico. O fio condutor permanecia voltado à descrição das manobras bélicas, a partir da preocupação com os contingentes em enfrentamento e o terreno no qual se daria o embate. Para o escritor, os obstáculos antepostos aos brasileiros eram consideráveis, pois, além das próprias forças inimigas, “o terreno encharcado e escorregadio dificultava extraordinariamente a marcha”, pois os soldados do Império “recebiam pela frente a chuva e o

granizo violentamente açoitados pelo tufão”, ao passo que “a artilharia, arrastada a força de braços, subia com lentidão extrema o declive escarpado da montanha”, sem que pudesse “funcionar antes que a infantaria conquistasse as alturas, desalojando as divisões paraguaias que ali se mantinham”. Segundo Montenegro, o comando guarani teria se aproveitado de tal situação, mas os brasileiros, liderados por Caxias e pelo Barão do Triunfo, protegidos com a cerração, teriam conseguido reverter a contingência desfavorável, resultando na vitória das forças imperiais.

Sob o título “Tomada da Machorra”, anunciado como um excerto da “História da Guerra do Paraguai”, que fazia parte do rol das obras no prelo, Arthur Montenegro tratava da reação brasileira à invasão paraguaia na província do Mato Grosso. Com a narração mais uma vez concentrada nos episódios militares, o autor se referia às dificuldades para o avanço brasileiro, ao passo que descrevia que os paraguaios tinham ordem “de só aceitar combate em casos muito especiais, quando a vitória fosse fácil e assegurada em todas as hipóteses”, devendo “limitar-se a subtrair à expedição brasileira todo o gado alçado que pudessem arrebanhar, destruir as habitações, talar completamente os campos”, de modo a empobrecer a terra e obrigar “a uma retirada pela fome”. Diante da possibilidade da chegada dos brasileiros, o comandante paraguaio teria determinado a prática da terra arrasada, com a destruição da fazenda da Machorra, onde estavam aquarteladas as forças guaranis. De acordo com o historiador, as tropas brasileiras, “pela energia, ordem e disciplina”, conseguiram desalojar “o inimigo superior em número”, vindo a conseguir salvar o lugar e retomá-lo para o

Império. Desse movo, tal vitória teria trazido o significado “da justa reivindicação do território nacional”, por “tanto tempo usurpado arbitrariamente e selvaticamente pela dinastia dos Lopezes”.

Outro texto apresentado por Montenegro no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* foi “Uma bala histórica”, no qual se revelava, além da figura do escritor, a do colecionador de lembranças da Guerra do Paraguai. Nesse sentido, o autor explicava que tinha em seu “poder o projétil que vitimou o legendário Barão do Triunfo, o Murat da cavalaria brasileira”, destacando que era como se aquele “pedaço de minério fundido ao acaso roubasse ao Brasil uma das suas mais fulgurantes glórias, fazendo tombar para a eternidade o *bravo dos bravos*”, de modo que seria necessário que “detalhadamente se recorde sua triste história”. O historiador lamentava que aquela “porção mínima de ferro” teria servido “para cortar a existência de um vulto gigante, acostumado à ígnea atmosfera das batalhas” e “cujo nome, aureolado pelo arrojo indômito de uma bravura sem par, fazia temer as massas inimigas, que combatia sempre vencendo”. Dando continuidade à descrição, Arthur Montenegro detalhava em minúcias a cena de batalha na qual Andrade Neves esteve envolvido, e em que recebeu “grave ferimento”, com “uma bala inimiga quebrando-lhe o tornozelo”, vindo a falecer. Mais tarde, com o traslado dos restos mortais do personagem, o pesquisador desvendava as razões da existência daquele projétil de ferro fundido, com volume, peso e tamanho desproporcionalmente grandes, demarcando que o mesmo se originara do esforço para sustentar a “terrível opressão da ditadura de Lopezes”, levando à fundição das reservas de metais disponíveis,

até mesmo os sinos das igrejas, o que ocasionara a fabricação daquela tão desproporcional e mortal bala.

Uma das abordagens preferenciais de José Arthur Montenegro, a de cunho biográfico, era o fio condutor de “Floriano Vieira Peixoto”, que tratava da existência deste militar, que se tornara Presidente da República, mas que antes servira na campanha do Paraguai. Na abertura, o historiador constatava que “dia a dia vai desaparecendo no crepúsculo vespertino da eternidade essa falange de heróis que nas margens do Prata” e “nos confins dos desertos paraguaios, escreveu página por página a epopeia gigante que passará à posteridade” na condição de “marco miliário da redenção de um povo escravizado” e “dominado pela tirania autocrática hereditária dos Francias e Lopez”. Nesse quadro, o autor enfatizava que “entre esses obreiros da civilização americana, entre os esforçados paladinos da epopeia paraguaia desaparecidos no ocaso da vida”, estaria a destacar-se “o perfil histórico de Floriano Peixoto”, o qual ligara “seu nome a quase todos os sucessos da grande guerra”. A vida de tal personalidade era descrita desde a infância, com destaque para sua ascensão no Exército e os enfrentamentos no território guarani, de modo a “enfrentar o leão paraguaio que ameaçava avassalar toda a América do Sul”. As ações militares de Peixoto na Guerra da Tríplice Aliança eram narradas minuciosamente, sendo o personagem sempre descrito com adjetivações positivas como “valente oficial”, dotado de “valor indômito” e responsável por “atos de bravura”. Também foram feitas referências à existência de Floriano em época posterior à guerra, com ênfase ao seu papel militar e político, ficando estabelecida a

conclusão de que “a história e a posteridade lhe farão justiça”.

Outro artigo de natureza biográfica foi “O marquês de Tamandaré”, no qual Montenegro abordava a “curiosa e bem interessante origem do título nobiliárquico do legendário marinheiro marquês de Tamandaré”. Segundo o escritor o fulcro de seu texto constituía um “fato pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que têm escrito sobre o glorioso almirante, cuja biografia” seria “cheia de lances heroicos, de atos de nobre valor e acendrado patriotismo”, vindo a abranger “a história da marinha militar do Brasil desde a independência até hoje”. Nessa linha, o autor considerava que o militar em questão merecia “ser lembrado para que os seus conterrâneos conheçam como o ilustre rio-grandense conquistou esse título que o colocava nas culminâncias da hierarquia nobiliárquica” do Império. O historiador descreveu algumas das ações de Tamandaré, com destaque para as de salvamento em casos de sinistros marítimos, e revelava que o título em questão advinha do nome de localidade pernambucana onde falecera o irmão de Joaquim Marques Lisboa.

A Guerra da Tríplice Aliança foi ainda tema abordado por Montenegro em “A epopeia paraguaia”, texto publicado já de forma póstuma, no qual tratava de valorizar a resistência dos guaranis diante da ofensiva brasileira, reconhecendo atos de “bravura” e “patriotismo” em meios às forças adversárias do Império. Dessa maneira, o historiador dizia que, se lhe fosse “permitida a ventura de concluir o livro que elaboro sobre essa campanha”, o que não viria a se confirmar, tendo em vista a sua morte, pretendia fazer

“justiça a esse povo heroico que se extinguiu quase, defendendo com rara abnegação o solo pátrio”. O autor buscava explicar as causas da derrota paraguaia, atribuindo-as “ao péssimo e variado armamento” e “à extrema ignorância” de seus oficiais, os quais teriam sido “guindados às culminâncias do mando, não pelo mérito real, mas pelo capricho do tirano”, passando a dissecar cada um desses aspectos, utilizando-se de várias batalhas para exemplificação. Sem deixar de demarcar os “atos heroicos” dos brasileiros, o escritor ressaltava que o exército paraguaio fora “sacrificado à ignorância de seu chefe”, ou seja, Solano Lopez, que, se “arvorando em general, militarmente era incapaz de bem discernir um plano de campanha”. Nessa linha, J. Arthur Montenegro ia ao encontro de uma das principais argumentações imperiais no sentido de que o Brasil estaria lutando no Paraguai para promover uma propalada libertação do povo paraguaio em relação ao ditador que lhe governava. Desse modo, o pesquisador concluía que o “exército aguerrido, disciplinado e obediente” do Paraguai fora derrotado, “felizmente para a nossa pátria, para a humanidade e para a civilização”, por ter sido “guiado por um empírico”.

Também de maneira póstuma, foi publicado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* o artigo “Uma bandeira gloriosa”, no qual surgia mais uma vez o Arthur Montenegro colecionador, ao referir-se a um pavilhão que servira para homenagear um corpo de voluntários da pátria. Tal objeto era descrito como “insígnia gloriosa” e o autor se propunha a, em “largos traços”, relembrar “o itinerário seguido por esse farrapo querido”, que teria servido para guiar “altaneiro punhado heroico de gaúchos, em seu torno grupados

pelo mais nobre dos sentimentos humanos – o amor da pátria”. O escritor ainda se referia àquele “glorioso trapo de seda, desbotado pelos raios ardentes do sol dos trópicos, roto pela metralha, rasgado pela lança inimiga”, que fora “alvo muitas vezes do último e velado olhar do moribundo”, o qual, por meio daquele estandarte, se lembraria da terra natal. Abordava também os vários lugares por onde teria passado aquela “reliquia histórica” e os tantos “heróis” que teriam lutado sob aquele “emblema querido”. Finalmente, Montenegro defendia a exibição da peça histórica, para que “as futuras gerações possam contemplar esse sagrado emblema que recordará sempre a página mais brilhante da nossa história”.

Dentre os textos publicados por José Arthur Montenegro no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, apenas um deles não tinha vínculos com a Guerra da Tríplice Aliança, abordando um período anterior, no contexto histórico sul-rio-grandense, sob o título “O comissariado durante a revolução”. A temática do artigo foi amplamente debatida por meio da imprensa, mormente a de cunho satírico-humorístico, havendo uma versão normalmente crítica para com a ação dos fornecedores de víveres para as tropas nas épocas de guerra, havendo severas acusações de malfeitos, desvios e ganhos exorbitantes e indevidos de parte dos responsáveis por comercializar aquele tipo de provimento. Diante de tal quadro, Montenegro buscou apontar para um caso que contradizia plenamente tal circunstância, com o destaque para um funcionário que teria marcado sua atuação pela probidade na administração das verbas públicas. O personagem em questão era Antônio Cândido Gomes da Silva, que fora

comissário responsável pelo abastecimento das forças militares durante a Guerra da Cisplatina, e, uma vez avaliadas suas contas, as mesmas foram consideradas “perfeitas e exatas”, além do que, após a liquidação das mesmas, o funcionário “estava tão pobre que teve de enviar a família para a casa do sogro”. Passados alguns anos, já durante a Revolução Farroupilha, lá estava mais uma vez Antônio Cândido executando outro comissariado. Mesmo com a capital sitiada e bloqueada, ele teria cuidado do fornecimento do exército legalista a custos módicos, ao adquirir os gêneros pelos preços mais baixos, promovendo “enorme economia”. A partir de “medida tão vantajosa para os cofres públicos”, Gomes da Silva, teria economizado “importante soma”. Ainda assim, o escritor ressaltava que, ao fim da vida, Antônio Cândido falecera “na maior pobreza”, citando o caso de outros servidores que tiveram o mesmo destino, concluindo que aqueles “foram os homens por cujas mãos passaram centenas de milhares de contos de réis para pagamento e fornecimento de respeitável exército em tempo de guerra”. Dessa maneira, mesmo que indiretamente, o pesquisador não deixava de dedicar-se a um de seus temas prediletos, ou seja, os períodos de enfrentamentos bélicos, embora abordando um microcosmo um pouco inusitado em meio ao seu enfoque primordial, com base nos estudos da História Militar. Ele, entretanto, não deixava de lado, o seu modo de “fazer história”, ressaltando o cunho biográfico no sentido do enaltecimento de personalidades do passado que deveriam servir de exemplos para as gerações futuras, no caso com a ênfase a alguém que demonstrara atitudes ilibadas e tratara com moralidade o dinheiro

público, o que poderia servir como uma lição para um país onde os casos de corrupção eram bastante notórios.

Assim, nas páginas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, José Arthur Montenegro apresentou vários dos resultados de suas pesquisas, os quais compreendiam fragmentos extraídos das obras de maior fôlego que o autor planejava publicar. Como a maioria desses livros permaneceram inéditos, restando apenas os rascunhos manuscritos, tais artigos acabaram por constituir alguns dos poucos registros dos escritos entabulados pelo historiador. Em tais textos, o olhar do pesquisador a respeito da Guerra do Paraguai vinha ao encontro da tendência historiográfica então predominante, servindo para a exaltação e glorificação dos militares que participaram do conflito, os quais eram elevados à categoria dos heróis nacionais, na tentativa de transformar seus atos em verdadeiras lições para as futuras gerações, em uma perspectiva carregada de civismo e patriotismo. Desse modo, as colaborações de Montenegro editadas nos anuários gaúchos estavam em plena consonância com a etapa de afirmação do nacionalismo brasileiro então em voga⁸².

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, que já era um veículo de contato da intelectualidade, serviu também como um meio de encontro entre Alfredo Ferreira Rodrigues e José Arthur Montenegro. Um era gaúcho de nascimento e pouco saíra de sua terra natal, já o outro era cearense, mas se tornara sul-rio-grandense

⁸² Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Guerra do Paraguai: fontes e historiografia*. Lisboa; Rio Grande, Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2022. p. 78-79 e 84-94.

por adoção. Ambos tiveram dificuldades na tentativa de aprofundar seus estudos, uma vez que as vicissitudes da vida e a constante necessidade de sobrevivência e sustento próprio e da família, obrigaram-nos a buscar empregos que lhes garantisse os recursos para tanto. Nesse sentido, os dois tiveram de desempenhar funções profissionais que tomavam grande parte de seu tempo, ficando apenas o que restava para a realização de suas efetivas vocações.

Rodrigues e Montenegro viriam a se encontrar na cidade do Rio Grande. Tinham idades muito próximas, com uma diferença de pouco mais de um ano e meio, pertencendo, portanto, à mesma geração. Seus interesses estavam plenamente coadunados em torno da execução da pesquisa histórica, cada qual com seu foco de estudo mais específico, ou seja, para um a Revolução Farroupilha, para o outro, a Guerra do Paraguai, o que não impediu que ambos realizassem estudos acerca de outros temas e militassem em outras áreas, como era muito comum aos intelectuais da época. Nessa linha, esmeraram-se na busca por informações e documentos que servissem de subsídios para seus planos no sentido da publicação dos resultados de suas pesquisas. Ambos tinham projetos da edição de obras de grande vulto, sem descurar dos tantos artigos que apresentaram junto à imprensa periódica, que serviam para a divulgação de seus trabalhos e para a conquista da notoriedade intelectual. Para os dois, o conhecimento de natureza histórica tinha uma missão voltada aos ensinamentos para a posteridade, de modo que o foco dos estudos deveria ser ação dos denominados “grandes homens”, os quais seriam os responsáveis pelo devir histórico. Assim, para eles, o ato de historiar estava muito próximo do de

biografar, com uma abordagem calcada na heroicização e na mitificação de personalidades históricas, notadamente aquelas que atuaram no campo militar.

De acordo com tal perspectiva, A. Ferreira Rodrigues e J. Arthur Montenegro não pouparam esforços para reunir todo o tipo de documento que pudesse lhes servir como fonte para seus estudos, notadamente dados biográficos e registros imagéticos dos personagens por eles abordados, ainda mais os vinculados à Farroupilha, para aquele e à Guerra da Tríplice Aliança, para este. Suas pesquisas e seus escritos levaram-nos a um considerável reconhecimento intelectual, como demonstrava a participação em entidades científico-culturais da época na conjuntura nacional e internacional, como foi o caso daquelas em que a participação foi comum aos dois, como sócios-correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia de Lisboa. Além disso, na faina de pesquisar, cada um deles formou verdadeira rede de comunicações com intelectuais de vários lugares do Brasil e do mundo, com quem intercambiavam informes e documentação, em um pacioso trabalho de envio/recepção de correspondências que, na maioria das vezes, demandava largos períodos de espera, ainda mais no caso deles, que residiam no extremo-sul do Brasil.

No caso de Rodrigues e Montenegro, no entanto, tais empecilhos vinculados à distância eram mitigados pelas suas relações mútuas, pois ao morarem na mesma cidade, a possibilidade de interação intelectual era plena. Tiveram tempo e oportunidade para trocarem experiências e entabularem longas conversas a respeito das ações de pesquisa e escritura, bem como sobre as

limitações impostas a partir da luta pela sobrevivência, uma vez que, na maioria das vezes, a pesquisa tinha de ceder lugar à vivência profissional. Nesse contexto, a Livraria Americana, espaço destinado ao intercâmbio da intelectualidade citadina, gerenciada por Ferreira Rodrigues, foi também um ponto de contato entre os dois escritores em pauta. Não foi coincidência que a maior parte dos livros escritos/organizados por Montenegro tenham sido editados pela própria Livraria Americana. Dessa maneira, a relação de Alfredo e José Arthur foi além da parceria e do coleguismo de pesquisadores, surgindo entre eles uma grande amizade⁸³.

De acordo com tal perspectiva, a presença de José Arthur Montenegro no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* prendeu-se ao seu reconhecimento como intelectual, que tinha nas páginas do periódico um espaço para a divulgação de seus estudos, mas também, por meio de sua notoriedade, atuava como um fator de qualificação das edições. A continuidade da inserção dos textos de sua autoria mesmo após a sua morte revelava não só a permanência de seu prestígio, mas também a consideração do colega/amigo, que muito cedo perdera o parceiro na árdua seara dos estudos históricos. Nessa linha, além da permanência da inserção de artigos de Montenegro no *Almanaque*, a publicação rio-grandina ainda traria homenagens póstumas para ele. Foi o caso da sessão denominada “Crônica” que, em referência à data de 4 de abril de 1901, noticiava o falecimento do escritor cearense/gaúcho, publicava o seu retrato e

⁸³ BARRETO, Abeillard. *José Arthur Montenegro*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1957 (datilografado), fl. 4.

apresentava um esboço biográfico a seu respeito⁸⁴. Uma década depois, o *Almanaque Literário e Estatístico* publicaria outro tributo, com o texto intitulado “José Arthur Montenegro”, advindo da transcrição do verbete apresentado no *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, do Barão de Studart⁸⁵.

Assim, esse encontro intelectual entre Alfredo Ferreira Rodrigues e José Arthur Montenegro se faz presente no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, que possui a coleção completa do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Mas vai além disso, uma vez que parte dos documentos deixados por Ferreira Rodrigues e o conjunto do levantamento documental herdado da ação de Montenegro também fazem parte do acervo da mais antiga biblioteca sul-rio-grandense, estando ambos muito próximos, acondicionados em caixas de metal no setor de obras raras da vetusta casa cultural, que assim cumpre sua missão de resguardar os registros do passado e, porque não, manter a proximidade entre os colegas e amigos Alfredo e José Arthur, ao menos no campo da memória.

⁸⁴ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1904. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1903. p. 19-21.

⁸⁵ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1914. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1913. p. 201-206.

Réquiem para um pesquisador – registros da morte de José Arthur Montenegro em publicações periódicas no acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Ao longo do século XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte, a imprensa periódica atuou como o mais relevante meio de comunicação, passando a exercer uma influência decisiva em meio às sociedades que contaram com a sua ação. Nesse sentido, dos mais variados gêneros, filiações e tendências, os jornais se espalharam e ampliaram horizontes, em larga escala nas grandes metrópoles, mas sem deixar de marcar presença, ainda que mais tímida, nas menores comunidades. Os periódicos ganharam o gosto do público e tornaram-se os órgãos mais relevantes de comunicação e formação de opiniões.

Como arquivos do cotidiano, em sua diversidade, os jornais tornaram-se testemunhas e atores da vida nacional e internacional, trazendo em

seu conteúdo uma riqueza considerável⁸⁶. Nessa linha, coube aos periódicos acolher a política, a literatura e qualquer manifestação relativa à palavra impressa⁸⁷. Ao atuarem na condição de

meio de comunicação mais eficaz na difusão de informações e opiniões, a imprensa escrita teve um papel significativo na formação dos hábitos, dos gostos, das atitudes, dos desejos e, enfim da opinião pública⁸⁸. Ela agia assim como um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, atuando como agente da história e permitindo captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais⁸⁹.

Ao trazer em suas páginas o dia a dia das sociedades, as publicações periódicas apresentaram uma cotidianidade, registrando desde grandes transformações até pequenos detalhes das comunidades humanas, de maneira cronologicamente concatenada. O coletivo e o individual se fizeram presentes em suas páginas

⁸⁶ ALBERT, P & TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 2.

⁸⁷ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p. 11-14.

⁸⁸ BESSA, Pedro Parafita. Uma análise do conteúdo dos jornais. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: v. 149, jul. 1952. p. 23.

⁸⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 21.

gravando nas letras impressas desde questões estruturais até fatores circunstanciais, descrevendo/opinando/refletindo acerca de fenômenos marcantes de conjunturas internacionais, nacionais, regionais e locais, até episódios circunstanciais e/ou isolados.

Nessa linha, em meio ao foco dos periódicos estiveram também minudências acerca de certos indivíduos que tiveram variados tipos de relevância nas sociedades em que atuaram. Foi o caso dos representantes da intelectualidade, acerca dos quais tanto pode haver uma enorme gama de informações, quanto pode se dar também uma carência significativa de dados acerca de suas vidas. Assim, os intelectuais que atingiram certa notoriedade, ganhavam espaço significativo em meio às páginas impressas, em um processo pelo qual, à medida que diminuía tal reconhecimento, era menor também a incidência de informes em meio ao periodismo.

Uma das maiores incidências da abordagem jornalística acerca da intelectualidade dava-se exatamente no momento da morte de algum de seus representantes. De acordo com o nível de reconhecimento, houve desde edições especiais, passando por matérias ou colunas alusivas, até pequenas notas fúnebres ou uma simples citação na seção voltada à publicização dos falecimentos. Apesar dessas diferentes modalidades de expressão, só a presença em meio às páginas impressas, já

garantia um certo destaque ao intelectual que fenecera, guindando-o à colocação em um lugar de memória.

Por meio de estratégias textuais os periódicos apresentavam uma abordagem de natureza encomiástica. Equivalendo originalmente a um brinde ou um canto, o encômio viria a significar todo o escrito ou discurso que contivesse um elogio a uma pessoa. Termos correlatos às práticas encomiásticas eram o próprio elogio, o panegírico, a elegia, o treno, a trenodia e o réquiem. Tais presenças honoríficas traziam consigo também um canto plangente em honra aos mortos, adquirindo um sentido especial vinculado à ideia de lamento e pranto, podendo ser acompanhado por um sentimento de admiração pelos mortos, ou ainda aparecendo como uma oração fúnebre, vinculada ao costume popular de chorar os defuntos⁹⁰. Quando associado à morte, o registro encomiástico cumpria uma função fundamental relativa à publicidade quanto à finitude da vida⁹¹, em um quadro pelo qual, as recordações do falecido vinham a traduzir uma forma figurada da continuidade de sua presença no mundo⁹². Levando em conta tal

⁹⁰ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 171-172, 167 e 499.

⁹¹ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

⁹² RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 18.

enfoque, ocorria um verdadeiro culto à memória do morto⁹³, trazendo ao mesmo uma espécie de sobrevida, ainda mais evidenciada nos casos em que se tratava de personagens considerados ilustres⁹⁴.

Esteve inserido nesse tipo de registro um intelectual que atuou no Rio Grande do Sul do final dos Oitocentos, até a sua morte nos primórdios dos Novecentos. José Arthur Montenegro viveu de fevereiro de 1864 até abril de 1901, portanto, com uma existência de trinta e sete anos. Trabalhou desde cedo, desempenhando diferentes atividades profissionais, iniciando-as aproximadamente aos quatorze anos de idade e desempenhando-as até a morte, ou seja, ao longo de praticamente cinco lustros. Ao lado de tais atribuições que lhe permitiam a sobrevivência material, praticou uma ação mental e cultural que se intensificou quando tinha a idade de vinte e três anos, computando um total de quatorze anos de sua vida. Ainda que esta última atuação tenha sido curta no cronológico – mesmo que significativa em relação à sua breve existência – caracterizou-se por ser amplamente ativa e extremamente profícua.

Ele foi autor, tradutor, organizador e anotador de livros, articulista e colaborador junto à

⁹³ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

⁹⁴ GIACOA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

imprensa periódica e, em consonância com os anteriores, um incansável pesquisador. Além disso, Montenegro promoveu por meio de missivas e de contatos pessoais um formidável intercâmbio com outros investigadores ou atores sociais vinculados aos eventos que estudava. Tantas interfaces permitiram seu ingresso em diversas instituições culturais, acadêmicas e científicas no contexto nacional e internacional. Nesse sentido, para os padrões de sua época e os lugares onde viveu, Arthur Montenegro desempenhou muito a contento o papel de intelectual, o qual acabou por ser significativamente reconhecido por seus pares, pelo periodismo e por seu público leitor.

No Brasil daquele final de século, época em que foram estabelecidos os empreendimentos culturais de Montenegro, os denominados homens de letras – como eram conhecidos os representantes da intelectualidade – tinham em geral uma ação múltipla, dedicando-se a estudos que vislumbravam áreas diversificadas do conhecimento humano. A atuação do estudioso cearense de nascimento e gaúcho por adoção – vivendo por diversos anos na cidade do Rio Grande – não foi diferente. Ele tinha uma predileção pela pesquisa histórica e um tema preferencial ao qual dedicou boa parte de sua existência – a Guerra do Paraguai. Mas isso não impediu que ele também militasse em outras áreas, dedicando diversos

trabalhos à geografia e à literatura⁹⁵. Além dos escritos, deixou amplo segmento de seu trabalho registrado em manuscritos, que permaneceram inéditos. Ele colecionou uma documentação formidável, mormente acerca da Guerra da Tríplice Aliança, a qual ficou sob a guarda da Biblioteca Rio-Grandense⁹⁶. O falecimento de Arthur Montenegro teve uma significativa repercussão junto de algumas publicações periódicas por meio de registros fúnebres e homenagens póstumas.

Dentre tais publicações estiveram as editadas por entidades científico-culturais, mais especificamente àquelas que J. Arthur Montenegro pertenceu. Um dos periódicos que demarcou o desaparecimento do pesquisador foi a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. Criada em 1838, tal entidade teve desde os seus primórdios teve o

⁹⁵ ALVES, Francisco das Neves. O pesquisador José Arthur Montenegro. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique & OLIVEIRA, Marcelo França de. *O Arquivo Montenegro, a Guerra do Paraguai e além (estudos históricos, geográficos e literários)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 11-12 e 14.

⁹⁶ Acerca de José Arthur Montenegro, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 375-376.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 325.

propósito de publicar uma revista para a inserção dos trabalhos de interesse em suas duas especialidades relativamente ao Brasil e o primeiro volume apareceu em 1839. A partir de então teve uma longa existência abordando temáticas variadas, além de ter trazido números especiais voltados a estudos de caso mais específicos⁹⁷. A respeito de Montenegro, tal publicação trouxe a transcrição da ata da entidade, na qual ele era sócio correspondente, que registrava o seu desaparecimento⁹⁸.

6ª Sessão ordinária em 10 de maio de 1901

O Sr. Presidente comunica nos seguintes termos o falecimento do consócio o Sr. J. Arthur Montenegro:

Senhores: – Na lista dos nossos prestimosos consócios já não é contemplado infelizmente o nome do laborioso escritor José Arthur Montenegro.

A 5 de abril do corrente ano, segundo as notícias recebidas, faleceu no Rio Grande do Sul este infatigável cultor das letras pátrias”, o qual teria sido “vítima de antigos padecimentos que de

⁹⁷ FLEIUSS, Max. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. p. 3-4.

⁹⁸ REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1901, t. 64, parte 2, p. 190-191.

contínuo lhe minaram a existência.

São numerosos e interessantes os trabalhos literários originais ou traduzidos e anotados que devemos à esclarecida inteligência e cuidadoso estudo deste nosso digno consócio. Em grande parte vem mencionados com justo louvor no parecer da comissão de Geografia, a que se refere o da comissão de admissão de sócios de 6 de abril de 1895.

Em seus escritos sobre a Guerra do Paraguai em que tomou parte, elucidou o diligente escritor fatos importantes e restabeleceu a verdade histórica com relação a certas operações militares dos exércitos aliados.

É incontestável o merecimento dos trabalhos históricos já conhecidos do finado consócio e outros inéditos virão certamente confirmar o juízo favorável anteriormente enunciado pela nossa ilustrada associação.

Foi uma perda sensível a que acabou de sofrer o Instituto que hoje cumpre rigoroso dever fazendo inserir na ata um voto de profundo pesar por tão lamentável acontecimento.

Outra edição periódica de natureza científica que contava com a participação de Montenegro, demarcando o seu falecimento, foi a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Representando a Sociedade de Geografia inaugurada no Rio de Janeiro, em 1883, a sua revista – primeiramente

denominada de boletim – passou a circular em 1885, visando a levar em frente o escopo da entidade de tomar “a seu cargo o estudo, discussão, investigações e explorações científicas da geografia” em “seus diferentes ramos, princípios, relações, descobertas, progressos e aplicações” tendo por “especialidade o estudo e conhecimento dos fatos e documentos concernentes à geografia do Brasil”⁹⁹. Após alguns anos de suspensão, tendo em vista a “absoluta falta de recursos” da instituição, a revista voltou a circular, mantendo o intento de atuar como “repositório copioso de informações e documentos” que viessem a interessar “à geografia do Brasil e que elucidam complexos problemas sociais e econômicos dependentes daquele ramo de conhecimentos”¹⁰⁰. O desaparecimento do escritor cearense/gaúcho foi noticiado em ata da entidade, transcrita em sua publicação oficial¹⁰¹

Pede também que a Sociedade insira em seus anais a perda lamentável de José Arthur Montenegro, assíduo cultor das letras e com especialidade da história pátria, a cuja indefectível atividade muito deve o Brasil.

⁹⁹ BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, t. 1, n. 1, 1885. p. 4.

¹⁰⁰ REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, t. 15, boletins 1 a 4, 1902. p. 1.

¹⁰¹ REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, t. 15, boletins 1 a 4, 1902. p. 76-77.

Entre os trabalhos desse distinto brasileiro figura a *História da Guerra do Paraguai*, em oito volumes, dos quais seis de texto e dois de anexos ou documentos justificativos e um atlas com 75 mapas do teatro da guerra, cartas de batalhas e perfis de fortificações.

Esta obra é ilustrada com fotografias representando as principais batalhas de terra e mar e com cerca de dois mil retratos dos oficiais dos quatro exércitos, beligerantes, ministros, diplomatas, etc., etc.

É o trabalho mais notável e mais completo sobre esse assunto, e seria o maior serviço prestado à história pátria a sua publicação, pois está inédito, de par com muitos outros do mesmo autor.

É uma perda sensível, irreparável para o Brasil, a morte de tão distinto filho.

A Academia Cearense também prestou homenagens ao seu sócio José Arthur Montenegro em sua revista. Fundada em 1896, a *Revista da Academia Cearense* intentava difundir os princípios de tal entidade, criada dois anos antes. Nesse sentido, eram finalidades da instituição cultural: “promover o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas de atualidade” através de pareceres entregues à publicidade, ou por discussões, palestras e conferências; “acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos, por meio de exposições escritas das principais teorias,

problemas ou questões”; empreender um esforço “por alargar a esfera da instrução superior e secundária no Ceará”; bem como “levantar a instrução primária, provocando a atenção dos poderes públicos para os variados problemas da educação”; e ainda “fomentar o gosto artístico e literário”¹⁰². A transcrição das atas da Academia Cearense e um texto da lavra de Antônio da Cunha Barbosa, serviram como um preito a Montenegro¹⁰³.

Sessão a 7 de maio de 1901

Lido o expediente, o barão de Studart transmite em frases pesarosas à Academia a notícia de haver falecido no Estado do Rio Grande do Sul o sócio correspondente José Arthur Montenegro, cuja boa amizade todos nós disputávamos e cujos serviços às letras pátrias e mormente à História Brasileira são inolvidáveis.

O Sr. Presidente, tomando a palavra fez o histórico da vida do nosso pranteado companheiro e concluiu propondo, o que foi por unanimidade aprovado, que na presente ata ficasse consignada a expressão do sentimento da Academia por perda tão sensível e que em homenagem à memória do morto fosse levantada a sessão.

¹⁰² REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, a. 1, f. 1, p. i e ii.

¹⁰³ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1901, t. 6, p. 9-10, 32 e 187-188.

Sessão de 16 de julho de 1901

Lido o expediente, o acadêmico barão de Studart voltou a tratar do falecido sócio correspondente José Arthur Montenegro, salientando as homenagens prestadas à sua memória por todo o jornalismo do país, nomeadamente pelo do Rio Grande do Sul, Estado onde por longos anos viveu o nosso pranteado patricio e distinto homem de letras e as manifestações feitas pelo Instituto Histórico Brasileiro e pelos Institutos da Bahia e Pernambuco, associações a que, como à nossa, ele pertencia, além de muitas outras quer nacionais quer estrangeiras.

Os nossos desvalorosos esboços biobibliográficos das duas sumidades literárias brasileiras confrades da Academia Cearense não constituem, por sem dúvida, estudos completos das suas individualidades.

Simplees apontamentos, notas a lápis colecionadas, adrede, cuidadosamente, como tal deve ser recebido o nosso despretensioso trabalho.

O visconde de Taunay foi (...).

José Arthur Montenegro foi laborioso escritor das coisas pátrias. Nos seus variados e múltiplos trabalhos há muito que aprender.

Esboços, e não biografias, escrevemos desses dois grandes patriotas.

As suas memórias sirvam-nos de farol, por entre os escolhos da vida; sirvam-nos de exemplo para que nos guiem, pela senda que trilham, para bem servir à pátria, para ensinar-nos a engrandecer a terra, que como eles também estremecemos.

Dos nossos dois biografados há muito que imitar: *Amor ao trabalho, amor à pátria.* (...)

O laborioso cearense, cuja biobibliografia vamos ligeiramente esboçar, foi um predestinado da inteligência, e soube dela se aproveitar para o engrandecimento das letras pátrias. (...)

Desde muito moço ligou grande interesse à guerra contra o ditador Lopez, período verdadeiramente épico da nossa história, ao qual o patriota Montenegro consagrou todo o seu entusiasmo juvenil. (...)

Historiador correto e elegante, o ilustre cearense verteu para a língua vernácula esses horrorosos fatos, acompanhados de curiosas notas, testemunho do valor do estudioso e escolhido historiógrafo.

Mais tarde, em 1904, a *Revista da Academia Cearense* fez outra homenagem póstuma a Montenegro, relatando sessão solene que ocorrera no seu local de nascimento, com a inauguração de

seu retrato alocado no prédio do poder público municipal¹⁰⁴.

Com o maior brilhantismo efetuou-se no dia 10 do corrente, nesta florescente vila, a homenagem à memória de José Arthur Montenegro, cujo busto a crayon, obra do exímio artista cearense Antônio Rodrigues, foi inaugurado no salão nobre do paço municipal.

Esta festa cívica, a primeira talvez em que a sociedade arraialense rendou preito à memória de um seu conterrâneo, sem dúvida o mais ilustre, assumiu as mais amplas solenidades.

Arthur Montenegro, filho de pais pobres, fez-se por si, deixando nome em todo o país e no estrangeiro, a muitas de cujas sociedades científicas e literárias pertencia.

Como jornalista, andam ainda por aí, lidos e admirados, em diversos jornais e revistas, inúmeros trabalhos de sua brilhante colaboração; como escritor atestam seu alto critério, profunda erudição e aprimorado estilo, além dos 7 volumes da História da Campanha do Paraguai, a mais completa que se tem publicado até hoje, diversos outros, sobre corografia e história.

¹⁰⁴ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1904, t. 9, p. 108-113. Texto publicado originalmente em: A CIDADE. Sobral, 21 jul. 1904, a. 6, n. 71, p. 2.; e 23 jul. 1904, a. 6, n. 72, p. 3.

Filho do Arraial, onde ainda lhe sobrevivem diversos parentes – entre os quais o distinto cavaleiro tenente Assis melo, vítima de iníqua pronúncia e um dos mais inteiriços caráters de toda Uruburetama. Montenegro era quase desconhecido de seus conterrâneos, pelo exílio a que o obrigaram as vicissitudes da sorte, na luta pela vida.

A notícia de sua morte, no extremo-sul do país, repercutiu tardiamente na terra de seu berço, e só então, o eco das apoteoses tributadas a seu mérito, despertou na alma de seus contemporâneos a lembrança de Arthur na evocação longínqua da criança travessa de 1870, cuja vida, tão enobrecida e trabalhada, esquecida num eclipse de trinta anos, aparecia agora, repentinamente, numa aureola, lhes deslumbrando a vista com o rastilho luminoso de um astro que de súbito tombasse.

Na sociedade arraialense tão ciosa de suas recentes tradições, e cujo maior ideal é o progresso de sua terra, no interesse constante de elevar-se pela união, a mais perfeita e harmônica entre seus membros, a notícia da morte prematura de Arthur Montenegro, ressoou calorosamente, fazendo-se vibrar num íntimo sentimento simultâneo de tristeza e orgulho, ante a rudeza do golpe fatal, roubando-lhe o conterrâneo ilustre, e a culminância das glórias que ele atingiu nos diversos estádios das letras e da ciência, de cuja aureola enviava à terra de seu berço os reflexos luminosos.

Tardia, embora, as homenagens à memória de Arthur na sua singeleza quase familiar, mas tão espontânea, tão popular, foi, para a futura história desta terra da mais significativa importância, decisiva talvez.

Quanto estímulo para a nova geração; quanto incentivo para novos cometimentos! (...)

Raramente há tanta concorrência em festas desta ordem; o vasto templo, regurgitando de povo, apresentava o aspecto grandioso das grandes festividades excepcionais em que a alma popular uníssona e vibrante, se entrega à sagração de suas datas gloriosas. (...)

Arthur Montenegro devia ter a alma feita ao molde desta natureza pujante e áspera, cheia de audácia e calor, de altivez e pertinácia, aventureira e meiga, qualidades que também devia herdar de seus progenitores, um tão irrequieto e ardente, entregue às inconstâncias da sorte, vivendo da aventura e da incerteza – que foi seu pai; outro abnegado e dócil persistente e meticoloso, alma para todos os sacrifícios e resignada, a quem ele tudo deveu – a extraordinária mulher que lhe foi mãe. (...)

Gratas recordações deixou a festa do dia 10; a comissão foi incansável na fiel execução do programa; resta-nos agradecer a todos aqueles que concorreram com esforço, trabalho e presença para o brilhantismo dela.

Vai longa esta notícia e o correio não deve

tardar por aí; findo-a, pois, fazendo votos para que a homenagem à memória desse ilustre conterrâneo, do operoso e inteligente Arthur Montenegro sirva de estímulo para os filhos do Arraial.

No rol das diversas publicações que apresentaram necrológios em homenagem a José Arthur Montenegro estiveram os diários da cidade do Rio Grande, dentre os quais só não figurou o *Eco do Sul*, porque, em 1901, tivera mais uma vez a sua edição interrompida, por causa das fortes perseguições políticas que sofrera por fazer oposição ao castilhismo, regime autoritário que dominou o Rio Grande do Sul durante a República Velha. O *Artista* trouxe uma nota, em que prevaleceu a abordagem biográfica do autor. Já no caso do *Diário do Rio Grande*, o texto – o mais extenso dentre os elogios fúnebres que o escritor recebeu – revelava uma maior proximidade e até uma camaradagem, afinal o homenageado fora um assíduo frequentador daquelas páginas impressas.

A também rio-grandina *Tribuna do Povo*, opositora dos castilhistas, foi outra que redigiu nota necrológica acerca do autor. Mas as filiações político-ideológicas pareciam não constituir barreira às homenagens para Arthur Montenegro, pois as mesmas apareceram também nos periódicos apoiadores do castilhismo como *O Rio-Grandense*, da cidade do Rio Grande, o *Diário Popular*, de Pelotas, e *A Federação*, da capital gaúcha, Porto

Alegre, que não deixaram de editar manifestações elogiosas para o escritor. O *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, uma das mais importantes publicações periódicas do país, também estampou em suas páginas uma necrologia acerca de Montenegro.

O conteúdo desses textos obituários trazia características laudatórias e biográficas, com amplo destaque ao reconhecimento intelectual do personagem retratado. Alguns deles chegavam a incorrer em erro, como foi o caso de *A Federação* e do *Jornal do Comércio*, que apontavam para uma participação de Montenegro na Guerra do Paraguai. Essa perspectiva errônea também aparecia em outros traços biográficos elaborados sobre o escritor, revelando que a proximidade do autor com seu mote de pesquisa – a Guerra da Tríplice Aliança – era tão intensa, que acabou por promover aquele engano, uma vez que tal presença não seria viável até mesmo por motivos cronológicos, levando em conta a idade de Arthur Montenegro à época do conflito bélico contra o Paraguai.

O jornal *Diário do Rio Grande*, criado em 1848, constituiu uma das mais significativas publicações periódicas sul-rio-grandenses, aparecendo como uma das primeiras folhas de periodicidade diária, a qual conseguiu garantir uma circulação regular por um longo período de sobrevivência. Sua longevidade chegou a permitir que proclamasse a si mesmo como o decano da imprensa do Rio Grande. Durante sua existência, o *Diário* esteve ao lado das

duas agremiações partidárias que predominaram na vida política do Brasil Imperial, defendendo as ideias conservadoras desde a sua criação até 1877 e atuando em prol do Partido Liberal entre 1878 e 1889, quando, com o advento da República, após um período de indefinição editorial, começou a desencadear-se o processo que levaria ao encerramento de sua publicação. Mesmo com vínculos partidários, a construção discursiva do diário rio-grandino buscou legitimar-se a partir de uma suposta orientação apolítica, de modo que as manifestações de cunho político-partidário só ganhavam suas páginas com maior vigor em períodos bem demarcados, notadamente aqueles ligados às inversões partidárias ou nos momentos de campanha eleitoral, após os quais a folha retornava a seu papel de periódico essencialmente noticiador, preocupando-se com seus interesses comerciais. Nesse sentido, o *Diário do Rio Grande* buscou demonstrar que era uma publicação que representava a imprensa “séria”, acima de tudo interessada no bem-estar da população, em nível local, regional e nacional, e que pairava sobre as disputas e paixões políticas, mais interessada em prestar um serviço, informando (e formando) a opinião pública, através de uma pretendida primazia da notícia¹⁰⁵. Acerca de Montenegro a

¹⁰⁵ ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 157.

folha rio-grandina publicou coluna intitulada
"Falecimento"¹⁰⁶.

Aos estragos da terrível enfermidade, que aos poucos lhe vinha minando a existência, sucumbiu, ontem, o estimável Sr. José Arthur Montenegro.

Era um moço distinto pela inteligência e pela contração ao trabalho, gozando por isso de grandes simpatias no seio da sociedade rio-grandense.

Começou a vida como marinheiro de um barco de cabotagem, de um seu tio, navegando entre o Ceará, sua terra natal, e Pernambuco e Bahia. No porto do Recife, arriscando a vida, atirou-se ao mar para salvar uma criança prestes a ser devorada por um mero.

Mais tarde, sentou praça no exército, vindo para o Rio Grande do Sul, servindo nas guarnições de Porto Alegre e desta cidade, como sargento do 17º batalhão de infantaria. Dando baixa, por conselho e proteção de um amigo, o Sr. Manoel Pereira de Barros, empregou-se como amanuense na construção da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana.

Distinguido com a amizade de seu chefe, Dr. Airoso Galvão, que reconheceu nele um homem

¹⁰⁶ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 4 abr. 1901, a. 53, n. 140.291, p. 1-2.

aproveitável, foi subindo até o lugar de arquivista. Quando pela retirada do Dr. Airosa, assumiu a chefia da mesma estrada o Dr. Bernardo Piquet Carneiro Monteiro, este o chamou para seu secretário.

Sendo, depois de algum tempo, o Dr. Piquet nomeado pelo governo para exercer importante comissão no Ceará, reorganizando a Estrada de Ferro de Baturité, levou-o consigo, não só como empregado em quem depositava inteira confiança, como também para ver se o clima daquele lugar melhorava o seu já precário estado de saúde. Ali se demorou Arthur Montenegro pouco mais de um ano, voltando para o Estado, quando se deu o arrendamento da aludida estrada.

Aqui esteve depois, encarregado de receber o material da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, cujos trabalhos o governo tinha mandado parar, como medida de economia.

Passou depois a ocupar o lugar de secretário da Southern, com o zelo e inteligência de que deu provas em todas as funções que exerceu.

Quando sargento do exército, na ocasião em que, comandando uma escolta, conduzia alguns presos a bordo de um vapor, encontrou-se com o Sr. visconde de Taunay em circunstâncias bem singulares e que lhe valeram a amizade do grande escritor.

Montenegro, já então muito dado à leitura,

estava lendo um livro de Taunay, se não nos falha a memória, a tradução da *Retirada de Laguna*. Taunay viu-o e perguntou-lhe se gostava da obra, exprimindo Montenegro a sua admiração por ela, em termos entusiásticos. A conversa assim entabulada acabou por dar-se Taunay a conhecer. Dias depois, recebia Montenegro um volume do Sr. visconde, com expressiva dedicatória, e um convite para ir à sua casa. O pobre sargento tornou-se frequentador do palacete do fidalgo, e daí originou-se uma sólida e proveitosa amizade.

Arthur Montenegro, muito dado a estudos históricos, era um espírito operoso e infatigável.

Deixa publicadas diversas obras: *Resumo das ordenanças sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1893); *Memórias de Mme. Duprat de Lasserre*, tradução e notas (1894); *Monografias históricas (Guerra do Paraguai)*, tradução da obra de Juan Silvano de Godoi, cheia de notas eruditíssimas, ampliando e refutando o texto (1895); *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, que lhe valeu a admissão como sócio correspondente da Academia Cearense (1895); *Fragmentos históricos (Homens e fatos da Guerra do Paraguai)*, cuja edição ficou pronta, quinta-feira da semana passada.

Além destes importantes trabalhos, publicou em jornais os seguintes:

Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai (2 meses, janeiro e fevereiro, no *Diário do Rio Grande*, e os restantes em uma folha do Ceará, cremos que a *República*)

Bibliografia da campanha do Paraguai (no *Diário*).

Em preparo ou concluídas tinha:

História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, obra de folego, na qual Arthur Montenegro ocupara longos anos de insano labor;

Bibliografia Rio-Grandense.

O distinto patrício era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro correspondente do Instituto Geográfico-Arqueológico de Pernambuco e sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Pelo seu caráter, pelos seus dotes de espírito, Arthur Montenegro era alvo de muita consideração, tendo feito inúmeros amigos nesta cidade.

Bem avaliando a dor que há de cruciar o coração de sua Exma. esposa, dirigimos à distinta senhora e aos seus parentes as expressões do nosso pesar.

Realiza-se o enterramento do cadáver às 10 horas da manhã de hoje, saindo o féretro da casa mortuária à Rua 24 de Maio, n. 78.

Outra publicação rio-grandina que apresentou uma nota fúnebre acerca de Montenegro foi o *Artista*, que passou a ser editado em 1862 e, em seus primeiros tempos, apresentou-se como um semanário dos artistas, propondo-se a constituir um defensor dos interesses dos artífices, buscando a criação de associações que os congregassem, como uma forma de combater o domínio dos “poderosos” e “aristocratas”. Porém, ainda na metade daquela década, o periódico passaria por ampla modificação tipográfica e no seu norte editorial, transformando-se em um dos mais importantes diários rio-grandinos, apresentando-se a partir de então como um jornal de cunho comercial, político e noticioso. Ainda à época de sua criação, o *Artista* já manifestava alguns dos elementos que denotavam sua vinculação partidária, voltada ao ideário dos liberais, já a partir da sua afirmação, como periódico diário, a filiação ao Partido Liberal tornou-se cada vez mais enfática. Intentando um certo equilíbrio com seus interesses comerciais, a folha buscou adotar a estratégia discursiva de expor mais abertamente suas manifestações de cunho político-partidário em períodos bem demarcados, além disso, teve também por objetivo o de apresentar-se como uma representante da imprensa séria que não

se entregaria às discussões apaixonadas e de natureza pessoal e sim, ao debate dos princípios e das ideias. Ao buscar atuar como verdadeiro doutrinário liberal, o periódico rio-grandino, notadamente nos momentos eleitorais ou de inversões partidárias, organizava seus pronunciamentos político-partidários de forma sistemática e até didática, no objetivo de um melhor convencimento do público para com a sua construção discursiva. Com a República, o jornal sofreria uma ruptura em sua linha editorial, de modo que seu discurso político teve de passar por um processo de adaptação, resultando em condutas que variaram de uma certa neutralidade até uma fase de completa indefinição editorial. Apesar de breves períodos de recuperação, a folha já deixava transparecer os elementos constitutivos de uma crise que levaria ao seu desaparecimento¹⁰⁷. O informe sobre o falecimento do pesquisador veio em coluna encimada pelo seu nome¹⁰⁸.

Quarta-feira última deu-se nesta cidade o falecimento do estimável cavalheiro e talentoso patricio Sr. José Arthur Montenegro, natural do Ceará, casado e residente nesta cidade há muito tempo.

O finado era um moço ilustrado, trabalhador

¹⁰⁷ ALVES, 2002. p. 231-232.

¹⁰⁸ ARTISTA. Rio Grande, 6 abr. 1901, a. 39, n. 79, p. 2.

infatigável, historiador, e na imprensa desta cidade colaborou com alguma atividade, sendo os seus escritos, pela sua importância, devidamente apreciados.

Arthur Montenegro foi empregado no escritório da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana e ultimamente exercia o cargo de secretário do Sr. Dr. Augusto Duprat, diretor-geral da Southern.

Eram membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa e membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Nesta cidade, Arthur Montenegro, pelo seu gênio afável e inteireza de caráter, conseguiu numerosas simpatias e verdadeiras amizades.

À sua Exma. família enviamos sinceras condolências.

As cerimônias do sepultamento, efetuadas quinta-feira, estiveram muito concorridas.

Arthur Montenegro deixa muitas obras importantes, entre elas, *História da Tríplice Aliança contra o Paraguai*, *Bibliografia rio-grandense* e *Fragmentos históricos* – sendo que esta última foi anteontem ofertada pela Livraria Rio-Grandense a esta redação.

O passamento do pesquisador cearense/rio-grandense foi registrado igualmente no *Rio-Grandense*. Em sua edição original, tal periódico expressava que, “simples e modesto”, vinha “tomar parte na gloriosa pugna em que lutam tão brilhantemente os seus colegas”, ou seja, “pela civilização e pelo progresso”. Dizia que pretendia proporcionar “uma leitura variada”, envolvendo as “mais sérias questões que afetam os mais graves interesses”, bem como “todas as indicações que lhes possam ser úteis”, com “trechos amenos onde o espírito se compraza e deleite”. Prometia ainda que “a parte comercial mereceria sempre a mais minuciosa atenção”, contendo “todas as informações necessárias aos comerciantes”. Demarcava igualmente o intento de dedicar-se aos “interesses da comunhão brasileira, julgando e tratando de todas as questões com completa isenção de ânimo”, de modo que “os interesses locais, o desenvolvimento e o progresso comercial de nossa terra” seriam “a maior” de suas “preocupações”. Ainda em seu número inaugural, a nova publicação garantia que seria “independente, sem filiações partidárias, a despeito das nossas crenças políticas”¹⁰⁹. Apesar disso, o jornal marcou sua presença como representante do castilhismo na urbe portuária, falando “em nome do glorioso e disciplinado Partido Republicano desta cidade, do

¹⁰⁹ RIO-GRANDENSE. Rio Grande, 4 abr. 1899, a. 1, n. 1, p. 1.

qual somos os únicos e legítimos representantes”, dirigindo-se ao público e “concitando-o a, unido, cerrar fileiras” em torno daquela causa político-partidária¹¹⁰. Colocava-se assim em prol da “vitalidade e pujança do Partido Republicano que tem por chefe o eminente Dr. Júlio de Castilhos”, pertencendo ao mesmo “como humilde, porém abnegado soldado”, se autodesignando como “o órgão oficial deste Partido”¹¹¹. “Necrologia” era o título da matéria publicada pelo jornal trazendo ao público o fim da vida de Montenegro¹¹².

É com verdadeiro pesar que noticiamos o passamento do distinto homem de letras José Arthur Montenegro, tão modesto quanto inteligente e laborioso.

Tendo obtido baixa do serviço militar, dedicou-se desde logo ao estudo da história pátria e conseguiu reunir um valioso arquivo de importantíssimos documentos originais e obras de grande valor com relação aos fatos históricos do nosso país, especialmente os que se referem à guerra do Paraguai.

Armado desses recursos, publicou várias

¹¹⁰ RIO-GRANDENSE. Rio Grande, 30 dez. 1899, a. 1, n. 239, p. 1.

¹¹¹ RIO-GRANDENSE. Rio Grande, 4 abr. 1900, a. 2, n. 77, p. 1.

¹¹² O RIO-GRANDENSE. Rio Grande, 4 abr. 1901, a. 2, n. 79, p. 2.

monografias, e dedicou-se incansavelmente à sua obra capital, o sonho de sua vida inteira – *A Guerra do Paraguai*, que não logrou ver publicada, pois depois de muitas lutas para essa publicação, há bem pouco tinha conseguido contratar a impressão da mesma.

Era um trabalhador assíduo e dos seus estudos de envolta com os carinhos da família a quem era em extremo dedicado fazia a preocupação exclusiva da sua vida.

Foi por muito tempo empregado no escritório da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana e ultimamente exercia o cargo de secretário do Dr. Augusto Duprat, cargos esses em que se desempenhou corretamente e donde tirava recursos para a sua grande empresa.

Montenegro mantinha correspondência ativa com os mais eminentes vultos não só do nosso país como do estrangeiro, e o seu nome é talvez mais conhecido e reputado alhures do que entre nós.

Era sócio correspondente de várias academias e sociedades geográficas estrangeiras e nacionais.

Natural do Ceará, passou a maior parte da sua vida nesta cidade, onde contraiu matrimônio.

Lamentando profundamente o passamento do ilustre homem de letras, enviamos a sua desolada família a expressão do nosso sincero pesar no doloroso transe que a acabrunha.

O enterramento realiza-se hoje às 10 horas da manhã, saindo o féretro da casa à Rua 24 de Maio n. 78.

Outro registro da morte de Montenegro ocorreu nas páginas do diário rio-grandino *Tribuna do Povo*, publicação que se apresentava como “folha republicana”, estando vinculada à dissidência dos republicanos e colocando-se em aberta oposição a Júlio de Castilhos. Nesse sentido, declarava-se como combatente do “meio agitado do Rio Grande, cada vez mais viciado pelos exemplos e doutrinas do castilhismo”¹¹³. Considerava que o governo de Castilhos se tratava de uma “obra nefasta, de divisão e de prepotência”¹¹⁴. Dizia bater-se “por princípios verdadeiramente republicanos”, de modo que “não podia alhear-se ao combate oferecido a quem tanto amesquinha” o Estado “no exercício da opressão”¹¹⁵. Demarcava que se dedicava também “à indústria e ao comércio, verdadeiras forças de progresso no serviço contínuo da paz”, mas sua essência era a “da crítica sobre o governo” da “tirania onímoda de Júlio de Castilhos”, de forma que “não poupou esforços no

¹¹³ TRIBUNA DO POVO. Rio Grande, 14 jan. 1898, a. 2, n. 11, p. 1.

¹¹⁴ TRIBUNA DO POVO. Rio Grande, 26 jan. 1898, a. 2, n. 20, p. 1.

¹¹⁵ TRIBUNA DO POVO. Rio Grande, 30 jan. 1898, a. 2, n. 24, p. 1.

sentido de demonstrar aos patrícios” que tal político “arvorara-se, por delegação própria, em supremo árbitro das coisas públicas, usurpando a golpes de sabre o inalienável direito de pensar”, lutando sempre contra “o tirano positivista”¹¹⁶. A presença do escritor em seu passamento deu-se na coluna intitulada “Necrologia: José Arthur Montenegro”¹¹⁷.

Necrologia: José Arthur Montenegro

Às letras pátrias, bem como à sociedade em geral acaba de ser desferido pela morte um profundo golpe.

Cedendo à enfermidade que há muito lhe minava a preciosa existência, exalou hoje o derradeiro alento o ilustrado e operoso patrício Sr. José Arthur Montenegro, empregado federal aqui residente.

Num labutar constante, assíduo, que sem dúvida muito contribuiu para abreviar-lhe os dias, Arthur Montenegro tratara durante anos de colher informações com os testemunhos mais verídicos para a elaboração da sua patriótica *História da Guerra do Paraguai*.

Quantos sacrifícios, quantas noites de

¹¹⁶ TRIBUNA DO POVO. Rio Grande, 27 mar. 1898, a. 2, n. 95, p. 1.

¹¹⁷ TRIBUNA DO POVO. Rio Grande, 3 abr. 1901, a. 5, n. 6, p. 2.

insônia lhe não custaram essa enorme quantidade de documentos e de retratos que conseguiu acumular com o auxílio dos quais escreveu o seu meritório trabalho.

E agora, quando tanto labor estava prestes a receber a recompensa merecida, eis que a mão impiedosa da morte vem arrebatá-lo.

Contratada a publicação e ilustração da *História da Guerra do Paraguai* – com importante casa da Alemanha, não poderia estar longe o dia de ser ela entregue à apreciação pública.

Arthur Montenegro era casado, natural do Ceará e descendente de importante família da cidade de Fortaleza.

Pelos seus dotes intelectuais, pela amenidade do seu trato, e pela inteireza de caráter era geralmente estimado.

Deplorando o prematuro passamento desse digno patricio, a *Tribuna do Povo* endereça sinceros pêsames à sua família.

A notícia do falecimento do escritor também repercutiu nas páginas da folha pelotense *Diário Popular*. Fundado em 1890, desde os primeiros tempos, o periódico se identificou com a causa castilhistas, vindo a estampar em seu frontispício a inscrição “órgão republicano”, ao alinhar-se ao Partido Republicano Rio-Grandense, permanecendo com tal postura durante toda a República Velha.

Nessa condição, tornou-se a publicação mais relevante da urbe, contando com mais recursos, mais favorecedores e maior tiragem, fator que também lhe garantiu uma longa sobrevivência. A partir de sua expressa convicção político-partidária, manteve ferrenhos debates com as folhas oposicionistas¹¹⁸. “José A. Montenegro” era o título da nota acerca de sua morte¹¹⁹.

Aos estragos de uma enfermidade cruel e tenaz, faleceu anteontem, no Rio Grande, o hábil e conhecido publicista Sr. José Arthur Montenegro.

Apesar da gravidade do mal que lhe minava, há tempos, o organismo, o Sr. Montenegro pôde, a custa de muito trabalho e de muita paciência, colecionar uma série de documentos de extraordinário valor para diversos fatos da história nacional.

Empreendeu, em seguida, o grande e importante trabalho de escrever a *História do Paraguai* e, nesse patriótico empenho, revelou uma atividade descomunal, conseguindo os melhores documentos para instruir a sua obra.

A morte surpreendeu-o, quando tratava de

¹¹⁸ LONER, Beatriz Ana. Diário Popular. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida & MAGALHÃES, Mario Osorio (orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. 3.ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. p. 106-107.

¹¹⁹ DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 5 abr. 1901, a.12, n. 80, p. 1.

dar ao prelo o seu trabalho, quando devia oferecer à sua pátria mais um esforço da sua inteligência esclarecida e do seu patriotismo.

No interesse de fazer um trabalho completo, o Sr. Arthur Montenegro criou relações com os homens mais notáveis do país, dos quais recebeu largos subsídios para a sua história, que é também o melhor atestado da sua competência e dos seus desejos de prestar à pátria mais um serviço assinalado.

As letras pátrias perdem um cultor de merecimento e a sociedade um bom e distintíssimo baluarte do seu progresso.

Damos sentidos pêsames à sua Exma. família.

Os republicanos castilhistas, desde o início de sua atuação, trataram de levar a cabo a publicação de um periódico que difundisse suas ideias, surgindo *A Federação* em 1884. O jornal porta-voz oficial do Partido Republicano Rio-Grandense foi utilizado politicamente com a finalidade de persuadir e de convencer, de maneira que, com o discurso, exercia a militância política e almejava obter efeitos pelo uso da palavra¹²⁰. Na folha

¹²⁰ FÉLIX, Loiva Otero. Pica-paus e maragatos no discurso da imprensa castilhista. In: POSSAMAI, Z. (org.). *Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 51.

governista escreveriam algumas das principais lideranças que atuaram na política regional e nacional da República Velha¹²¹ e sua atuação foi doutrinária, adotando um estilo jornalístico a serviço da propagação e da defesa dos ideais políticos castilhistas, mantendo uma base seguramente ideológica e partidária¹²². O periódico governista resumiu de fato o modelo de jornalismo político-partidário vigente no Rio Grande do Sul, tendo significativo papel, desde o seu lançamento, na articulação do movimento republicano, ao assumir o cunho de órgão de combate e propaganda¹²³. A *Federação* refletiu o radicalismo dos republicanos positivistas, mantendo uma posição de intransigência em torno dos princípios do partido, negando qualquer concessão¹²⁴, e

¹²¹ SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (quinta série). p. 97.; e ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, Associação Rio-Grandense de Imprensa, 1977. p. 45.

¹²² REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 119.

¹²³ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 43.

¹²⁴ RÜDIGER, Francisco Ricardo. A imprensa: fonte e agente da Revolução de 1893. In: *Anais do Seminário Fontes para a História da Revolução de 1893*. Bagé: URCAMP, 1983. p. 34.

entabulou uma construção discursiva calcada no maniqueísmo dos bons e dos maus, ou seja, dos aliados e dos adversários, legitimando as formas de agir e pensar dos primeiros e criticando, censurando, atacando e, enfim, deslegitimando os outros¹²⁵. O passamento do pesquisador deu-se na nota denominada “Registro mortuário”¹²⁶.

Faleceu no Rio Grande, vítima de antigos padecimentos, o Sr. José Arthur Montenegro, escritor de talento e um patriota distinto.

Fez como sargento do exército a Guerra do Paraguai, para onde foi muito jovem ainda, prestando excelentes serviços à pátria.

Era natural do Ceará, casado e ultimamente estava empregado como secretário da E. F. de Bagé.

Arthur Montenegro era muito dado a estudos históricos.

Deixou publicadas diversas obras:

– *Resumo da ordenança sobre os exércitos e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1893); *Memórias de Mme. Duprat de Lasserre*, tradução e notas (1894); *Monografias históricas (Guerra do Paraguai)*, tradução

¹²⁵ FÉLIX, Loiva Otero. Imprensa, revolução e discurso: a construção de categorias. In: RAMBO, A. B. & FÉLIX, L. O. (orgs.). *A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995. p. 180.

¹²⁶ A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 8 abr. 1901, a. 18, n. 83, p. 2.

da obra de Juan Silvano de Godoi, cheia de notas eruditíssimas ampliando e refutando o texto (1895); *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, que lhe valeu a admissão como sócio correspondente da Academia Cearense (1895); *Fragmentos históricos (homens e fatos da Guerra do Paraguai)*, cuja edição ficou pronta há poucos dias.

Além destes importantes trabalhos, publicou em jornais os seguintes.

Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai (2 meses, janeiro e fevereiro, no *Diário do Rio Grande*, e os restantes em uma folha do Ceará, parece que a *República*);

Em preparo ou concluídas tinha:

História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, obra de fôlego, na qual Arthur Montenegro ocupara longos anos de insano labor;

Bibliografia rio-grandense.

O operoso patricio era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro correspondente do Instituto Geográfico-Arqueológico de Pernambuco e sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Caracterizada pela longevidade, a publicação carioca *Jornal do Comércio* foi fundado em 1827, chegando a ser considerado como um dos mais antigos órgãos de imprensa da América Latina.

Durante toda a sua existência, pautou-se por uma orientação conservadora. Ao final do século XIX, era categorizado por correspondente estrangeiro como um dos dois grandes jornais da capital do país. Com a República, houve uma mudança na propriedade da empresa, tendo em vista os vínculos monárquicos de seu antigo dono. Sob a nova direção, apoiou a forma de governo instaurada em 1889, vindo a colocar-se na oposição durante o governo de Floriano Peixoto, para voltar à postura governista na administração de Prudente de Moraes. Sua influência cresceria ainda mais durante a gestão de Campos Sales. Em muitas de suas características manteve seu estilo vindo da época imperial¹²⁷. Durante significativa parte de sua existência, buscou não se destinar apenas a dar melhor e maior divulgação às notícias comerciais – preço, movimento de pacotes, informações sobre importação e exportação, noticiário do país e do exterior e particularmente, anúncios, como também intentou fornecer os elementos mais importantes do quadro político, participando assim de alguns dos princípios episódios da formação nacional¹²⁸. Ao se referir ao “Rio Grande do Sul”, o periódico

¹²⁷ LEAL, Carlos Eduardo & SANDRONI, Cícero. *Jornal do Comércio*. In: *Atlas histórico do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV/CEDOC.

¹²⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 126-127.

apresentou a nota fúnebre acerca de Arthur Montenegro¹²⁹.

Na cidade do Rio Grande faleceu José Arthur Montenegro. (...)

Vítima de antigos padecimentos que de há muito lhe torturavam a existência, sem, aliás, conseguir afastá-lo do trabalho com que servia às letras e à pátria, sucumbiu anteontem no Rio Grande o distinto cavalheiro José Arthur Montenegro, escritor vigoroso, historiador de pulso, espírito elevado e solidamente ilustrado.

Arthur Montenegro serviu, no exército, ao Brasil na guerra contra o ditador Lopes, e a esse período épico da nossa história consagrou a maior parte dos seus estudos.

Deixou como obra de maior vulto para lhe honrar o nome e o da pátria que estremecia, pronta, prestes a ser impressa, a sua *História do Paraguai*.

Escreveu também guias bibliográficos, refundiu e anotou muitos livros nacionais e uma avultada quantidade de memórias esparsas, muitas inéditas. (...)

Era filho do Ceará, casado e maior de 30 anos o malogrado cidadão, que ultimamente desempenhava as funções de secretário da Estrada de Ferro do Rio Grande a Bagé.

¹²⁹ JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 12 abr. 1901, a. 81, n. 101, p. 1.

Homenagens fúnebres para Montenegro foram apresentadas também nos anuários sul-rio-grandenses. Foi o caso do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, levado a público a partir de 1889, e que buscava colecionar os apontamentos que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e progresso gaúcho, de modo que, a partir de todos esses elementos esparsos, fosse trazida ao público uma edição digna da aceitação e da proteção pública¹³⁰. O periódico demarcava que, “além de variadíssima e escolhida parte literária, em que figuram poesias e artigos assinados por distintos escritores brasileiros e portugueses” encerrava “também valiosos documentos e estudos sobre história, estatística e geografia do Brasil e particularmente do Rio Grande do Sul”. Considerava ainda que em “suas diversas seções de crônica, estatística e história” o tornavam uma publicação “de consulta obrigada a quantos se interessam pelas tradições de nosso passado”. O anuário explicitava igualmente que “o grande número de biografias de brasileiros ilustres publicadas em todos os volumes e acompanhadas de retratos”, aumentavam “ainda o valor desta publicação, cuja coleção deve fazer parte da livraria

¹³⁰ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANO DE 1889. Rio Grande: Livraria Americana, 1888. p. 3.

de todos os estudiosos”¹³¹. Na edição para o ano de 1904, o anuário fazia uma crônica acerca de 1901, trazendo como um dos destaques a data da morte do escritor cearense/gaúcho, em matéria acompanhada de seu retrato¹³².

¹³¹ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANO DE 1904. Rio Grande: Livraria Americana, 1903. p. 1.

¹³² ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANO DE 1904. Rio Grande: Livraria Americana, 1903. p. 19-21.

VIDA E MORTE DE UM INTELLECTUAL NO RIO GRANDE DO SUL: DOIS
ESTUDOS SOBRE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



retrato de José Arthur Montenegro publicado no *Almanaque
Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*

Crônica - 4 de abril de 1901

Faleceu no Rio Grande o distinto escritor José Arthur Montenegro, natural de Uruburetama, no Ceará.

Começou a vida como marinheiro de um barco de cabotagem de um seu tio, navegando entre o Ceará, sua terra natal, e Pernambuco e Bahia (1878 a 1880). No porto do Recife, arriscando a vida, atirou-se ao mar para salvar uma criança prestes a ser devorada por um mero.

Em 1881, sentou praça no exército, vindo para o Rio Grande do Sul, servindo nas guarnições de Porto Alegre e desta cidade, como sargento do 17º batalhão de infantaria. Dando baixa, por conselho e proteção de um amigo, o Sr. Manoel Pereira de Barros, empregou-se em 1889 como amanuense na construção da estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguaiana.

Distinguido com a amizade de seu chefe Dr. Airosa Galvão, que reconheceu nele um homem aproveitável, foi subindo até o lugar de arquivista. Quando pela retirada do Dr. Airosa, assumiu a chefia da mesma estrada o Dr. Bernardo Piquet Carneiro Monteiro, este o chamou para seu secretário.

Sendo, depois de algum tempo, o Dr. Piquet nomeado pelo governo para exercer importante comissão no Ceará, reorganizando a estrada de ferro de Baturité, levou-o consigo, não só como

empregado em quem depositava inteira confiança, como também para ver se o clima daquele lugar melhorava o seu já precário estado de saúde. Ali se demorou Arthur Montenegro pouco mais de um ano, voltando para o estado, quando se deu o arrendamento da aludida estrada.

Aqui esteve em 1898 encarregado de receber o material da estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, cujos trabalhos o governo tinha mandado parar, como medida de economia.

Passou depois a ocupar o lugar de secretário da E. F. Southern Brazilian Rio Grande do Sul, com o zelo e inteligência de que deu provas em todas as funções que exerceu.

Quando sargento do exército, na ocasião em que, comandando uma escolta, conduzia alguns presos a bordo de um vapor, encontrou-se com o Sr. Visconde de Taunay em circunstâncias bem singulares e que lhe valeram a amizade do grande escritor.

Montenegro, já então muito dado à leitura, estava lendo um livro de Taunay, se não nos falha a memória, a tradução da *Retirada da Laguna*. Taunay viu-o e perguntou-lhe se gostava da obra, exprimindo Montenegro a sua admiração por ela, em termos entusiásticos. A conversa assim entabulada acabou por dar-se Taunay a conhecer. Dias depois recebia Montenegro um volume do Sr. Visconde, com expressiva dedicatória, e um convite para ir à sua casa. O pobre sargento tornou-

se frequentador do palacete do fidalgo, e daí originou-se uma sólida e proveitosa amizade.

Arthur Montenegro, muito dado a estudos históricos, era um espírito operoso e infatigável.

Deixa publicadas diversas obras:

- *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à guarda nacional* (1893); *Memórias de Mme. Duprat de Lasserre*, tradução e notas (1894); *Monografias históricas* (Guerra do Paraguai), tradução da obra de Juan Silvano de Godoy, cheia de notas eruditíssimas, ampliando e refutando o texto (1895); *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, que lhe valeu a admissão como sócio correspondente da Academia Cearense (1895); *Fragmentos históricos* (Homens e fatos da Guerra do Paraguai), cuja edição ficou pronta quinta-feira da semana passada.

Além destes importantes trabalhos, publicou em jornais os seguintes:

Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai (dois meses, janeiro e fevereiro, no *Diário do Rio Grande*, e os restantes em uma folha do Ceará, cremos que a *República*);

Bibliografia da Campanha do Paraguai (no *Diário*).

Em preparo ou concluídas tinha:

História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, obra de fôlego, na qual Arthur Montenegro ocupara longos anos de insano

labor;

Bibliografia rio-grandense.

O distinto patrício era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro correspondente do Instituto Geográfico-Arqueológico de Pernambuco, e sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Deixou Montenegro mais os seguintes trabalhos:

Um esboço do *Dicionário histórico e geográfico do Rio Grande do Sul*.

Alguns trechos publicados em jornais, revistas e almanaques da *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, obra de largo plano, que devia abranger seis volumes de texto e dois de anexos, além de um atlas com mapas do teatro da guerra.

Dicionário das madeiras do Brasil, em preparo, calcado sobre o trabalho dos engenheiros André e José Rebouças.

História da Guerra Chileno-peru-boliviana, de que escreveu alguns excertos, publicados no *Diário do Rio Grande*.

Viagem pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, S. Lourenço e Arinos, por B. Bossi, tradução e notas, publicada em 1894 no *Eco do Sul* do Rio Grande.

Cristóvão Colombo e o descobrimento da América, tradução de parte da monumental obra de Alexandre Humboldt, publicada em 1893 na

Atualidade, do Rio Grande,

As ilhas do Brasil, estudo geográfico, inédito.

Um começo de tradução das *Memórias do general von Versen*, na parte referente à campanha do Paraguai.

O Uruguai, poema de José Basílio da Gama, edição anotada e prefaciada, publicada pela Biblioteca Pública de Pelotas, em comemoração ao 4º centenário do Brasil.

Um decênio depois, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* publicou mais uma matéria encomiástica fúnebre destinada a homenagear José Arthur Montenegro, transcrevendo um trecho do *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, cujo autor era Guilherme Chambly Studart, o Barão de Studart, colega de Montenegro na Academia Cearense¹³³

José Arthur Montenegro

Nasceu em Arraial, Uruburetama, a 29 de fevereiro de 1864, sendo seus genitores Antônio Thiago de Mello e D. Maria Hermelinda Montenegro de Mello.

Órfão desde a idade de 12 anos principiou a

¹³³ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANO DE 1914. Rio Grande: Livraria Americana, 1913. p. 201-206.

sua carreira em Pernambuco, no comércio, sentindo, porém, vocação para a vida marítima, viajou até 1880 pela costa do Brasil, estudando pilotagem com seu tio político José M. de Amorim.

Faltando-lhe recursos para prosseguir nos estudos da Escola Naval, resolveu entrar para o exército a 6 de janeiro de 1881, no Rio Grande do Sul, e matriculou-se na Escola Militar de Porto Alegre, então dirigida pelo general José Simeão de Oliveira, sendo desligado dela em 1884, por questões políticas de seus companheiros, com os quais tornou-se solidário, não mais conseguindo ali voltar.

Como militar, serviu no 17º de infantaria, no caráter de simples oficial inferior, e tomou parte na expedição de Blumenau, em Santa Catarina (1884), sendo ferido em combate.

Fez parte também da divisão de observação estabelecida na fronteira do Rio Grande, no Caverá, por ocasião da revolução oriental do general Arredondo, que terminou pela batalha do Quebracho, em 1885, e das forças que guarneciam a fronteira de Jaguarão, quando rompeu a cólera-morbo no Estado Oriental em 1887.

Voltando ao Rio Grande, foi empregado junto ao comando da fronteira e guarnição, de cujos chefes mereceu sempre a estima e a confiança.

Desgostoso, abandonou a carreira a 16 de julho de 1889, sendo a 17 nomeado amanuense e

depois arquivista da Estrada de Ferro Porto Alegre a Uruguaiana, sob a chefia do Dr. Airosa Galvão. O Dr. Piquet Carneiro, sucessor do Dr. Airosa, nomeou-o secretário.

Em 1897, retirou-se para a terra natal, sendo aproveitados seus serviços como secretário da Estrada de Ferro de Baturité para cuja direção fora também removido o dito Dr. Piquet.

Já então lhe minava as forças a terrível enfermidade, tísica laríngea, a que veio a sucumbir. Arrendada a estrada a uma empresa incorporada pelo engenheiro baiano Alfredo Novis, voltou ele ao Rio Grande do Sul.

Aí foi encarregado de arrecadar o material pertencente à Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, cujos trabalhos haviam parado como medida de economia e, posteriormente, ocupou o secretariado da Southern Brazilian Rio Grande do Sul, cargo em que esteve até o seu falecimento ocorrido a 3 de abril de 1901.

Fazia parte das seguintes sociedades científicas e literárias: Academia Cearense, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Sociedade de Geografia de Lisboa, Instituto de Coimbra, Institutos Geográfico Histórico da Bahia e Arqueológico Pernambucano, Instituto Geográfico Argentino, Ateneu de Buenos Aires, Centro Literário do Ceará, Associação dos Guerreiros do Paraguai, de Buenos Aires e Associação dos

Homens de Letras de Caracas (Venezuela).

É de alto valor o arquivo de documentos históricos que deixou; oxalá o governo federal faça dele aquisição, salvando do olvido ou talvez da destruição largo e precioso cabedal para a verdade da nossa história.

- O Sr. general José Ignacio Garmendia, oficial argentino, autor de notáveis trabalhos históricos, assim se expressou sobre os méritos de Montenegro:

“La muerte del ilustre escriptor Arthur Montenegro enluta las letras brasileiras; em su noble pluma existia el acendrado patriotismo, y la mas recta imparcialidad; es por eso que su verdad era leida com respeito y siempre tuve el major agrado em cultivar su relacion”.

Em sessão de 26 de abril, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro rendeu significativa homenagem à sua memória como se vê da respectiva ata, publicada no *Jornal do Comércio*, da qual reproduzo as linhas seguintes:

“O Sr. presidente (marquês de Paranaguá) pede que a Sociedade insira em seus anais a perda lamentável de José Arthur Montenegro, assíduo cultor das letras, e com especialidade da história pátria, a cuja indefectível atividade muito deve o Brasil.

Entre os trabalhos desse distinto brasileiro, figura a *História da guerra do Paraguai*, em oito volumes, dos quais seis de texto e dois de anexos

ou documentos justificativos, e um atlas com 75 mapas do teatro da guerra, cartas de batalhas e perfis de fortificações. Esta obra é ilustrada com fotografias, representando as principais batalhas de terra e mar e com cerca de 2.000 retratos dos oficiais dos quatro exércitos, ministros, diplomatas, etc., etc. é o trabalho mais notável e completo sobre esse assunto, e seria o maior serviço prestado à história pátria a sua publicação, pois está inédito, de par com muitos outros do mesmo autor. É uma perda sensível, irreparável para o Brasil, a morte de tão distinto filho”.

Uma feição característica do espírito desse distinto patrício era o empenho em que vivia de estabelecer relações entre os homens de letras brasileiros e os dos outros países sul-americanos. Eu próprio dou testemunho desse patriótico e alevantado interesse.

Montenegro, espírito muito operoso e de vocação extraordinária para os estudos históricos, deixou larga cópia de trabalhos, que lhe conservarão o nome. Alguns deles foram publicados, outros, infelizmente, ficaram inéditos.

É a seguinte a resenha dos seus trabalhos dados a lume:

- *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1893).

- *Memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*, Rio Grande, 1893, 1ª edição (setembro), 2ª

edição (dezembro). Vertidas do manuscrito original e anotadas pelo tradutor.

É a história dos sofrimentos por que passaram cerca de 4.500 senhoras e crianças das principais famílias do Paraguai, condenadas pelo presidente Solano Lopez a degredo perpétuo no deserto de Iguatemi, em consequência de terem seus maridos, pais e irmãos tomado parte na pretendida revolução de S. Fernando em 1868, os quais foram todos fuzilados.

Estas desgraçadas vítimas do feroz ditador, em cujo número contava-se a autora das *Memórias*, foram salvas pela arrojada expedição do tenente-coronel Antônio José de Moura.

- *Monografias históricas* por D. Juan Silvano de Godoi, Rio Grande, 1895.

Foi o primeiro trabalho saído de pena paraguaia sobre a Guerra da Tríplice Aliança.

O tradutor juntou ao texto 156 notas elucidativas e acrescentou, como documento justificativo, o capítulo 8º da obra de Benjamin Mossé, *D. Pedro II*, Paris, 1889, e o depoimento do general Firmino Isidoro Resquin, chefe do Estado Maior do marechal Lopez, prestado ao Conselho de Guerra, em 1870, quando caiu prisioneiro em Aquidabã.

- *Viagem pitoresca pelos Rios Paraguai, Paraná, São Lourenço e Arinos* por B. Bossi. Vertida para o idioma vernáculo, em 1884, e anotada e publicada em 1893, no *Eco do Sul*, Rio Grande.

- *Cristóvão Colombo e o descobrimento da América*. História da Geografia do Novo continente e dos processos da astronomia náutica do século XV e XVI por Alexandre Humboldt. Traduzida em 1884-1885 e publicada em 1893-1894 na *Atualidade* (Rio Grande).

- *Efemérides da Campanha do Paraguai*, publicada no *Diário do Rio Grande* e na *República*, de Fortaleza.

- *Bibliografia da Campanha do Paraguai*, publicada no *Diário do Rio Grande*.

- *Visconde de Taunay*, esboço biográfico publicado na *Revista da Academia Cearense*, ano de 1899.

- *O Uruguai*, poema de José Basílio da Gama, edição feita às expensas da Biblioteca Pública de Pelotas para comemorar o 4º centenário do descobrimento do Brasil e prefaciado e anotado por ele, 1900, Echenique Irmãos & Cia. editores, Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.

- *Fragmentos históricos. Homens e fatos da Guerra do Paraguai*, 1ª série, Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense (R. Strauch) 1900, 114 pp., com um prólogo por R. de Farias Brito.

Além desses, José Arthur Montenegro compôs e escreveu os seguintes trabalhos, ainda inéditos, entre os quais sobressai o primeiro citado, incontestavelmente sua obra capital:

- *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai*. Compõe-se de seis volumes de

texto, dois de anexos ou documentos justificativos (inéditos) e um atlas com 75 mapas parciais do teatro da guerra, cartas de batalhas, combates, perfis de fortificações, etc.etc.

O texto é assim dividido:

1º volume – Origem da guerra.

2º volume – Campanha de Mato Grosso.

3º volume – Campanha do Rio Grande e

Corrientes

4º volume – Cerco do Quadrilátero.

5º volume – Campanha do Pikiricy.

6º volume – Campanha da Cordilheira.

Seria ilustrada com fototipias representando as principais batalhas de terra e mar (cópias de quadros de Vitor Meireles, Pedro Américo, De Martini), e com cerca de dois mil retratos de oficiais dos quatro exércitos beligerantes, diplomas, etc.

Iniciada em 1888, tinha sido interrompida muitas vezes, em consequência de faltarem ao autor dados necessários; afinal, graças ao auxílio generoso de muitos particulares dos quatro países limítrofes e dos governos do Brasil e República Argentina, achava-se o autor de posse de todos os documentos para a pronta execução de sua importantíssima obra.

O conselheiro João Nepomuceno Torres, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia propôs que essa associação fizesse um apelo aos demais Institutos da República para que auxiliassem a viúva de Arthur Montenegro na

impressão da *História da Guerra do Paraguai*; não sei se a proposta teve andamento.

- *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*. Este trabalho foi iniciado em 1889, durante uma das muitas interrupções que sofreu a sua obra *Guerra da Tríplice Aliança* e continuada sempre que se repetia esta circunstância.

Da dita obra já foram publicados diversos trechos, salientando-se a *Monografia do Rio Ibicuí*, estampada no *Eco do Sul* de 10 de outubro de 1893 e transcrita no *Jornal do Comércio*, em seu número de 17 de janeiro de 1894.

Essa monografia sob o título *Bacia do Ibicuí* e mais outras sob os títulos *Arroio Taim*, *Coordenadas Geográficas*, *Altitudes* foram enfeixadas num volume com o título *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul* e serviram-lhe como título de admissão a um dos lugares de sócios correspondentes da Academia Cearense.

- *Dicionário das madeiras do Brasil*. Serviu de base a este trabalho o Ensaio de índice geral das madeiras do Brasil dos engenheiros André e José Rebouças. O autor acumulava elementos para terminá-la após a publicação da sua obra sobre a Guerra do Paraguai.

- *História da Guerra chileno-peru-boliviana 1879-1881*. Desta obra tem sido publicados vários trechos na imprensa diária, nomeadamente a parte relativa à “batalha naval de Iquique” no *Diário do*

Rio Grande, de 30 de maio e 3, 4 e 5 de junho de 1893, transcrita no *Almanaque Popular* do Rio Grande do Sul, 1894 (pp. 153-159).

Depois de concluída foi esta obra submetida à apreciação do contra-almirante D. Luiz Uribe e Orrego, que foi comandante da Escola Naval de Valparaíso e posteriormente à do coronel D. Juan A. Arona.

- *As ilhas do Brasil*, estudo geográfico.

- *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*.

- Um princípio de tradução das *Memórias do general von Versen*, na parte referente à Guerra do Paraguai.

Em 1904, a Câmara Municipal de Arraial mandou por, com grande solenidade no seu salão nobre o retrato de José Arthur Montenegro. A notícia circunstanciada dessa justa homenagem dos seus conterrâneos se encontra na *Revista da Academia Cearense*, correspondente àquele ano.

(Do *Dicionário Biobibliográfico Cearense* – Barão de Studart)

Outro anuário que se manifestou em relação ao desaparecimento de Arthur Montenegro foi o *Almanaque popular brasileiro*, editado na cidade gaúcha de Pelotas, o qual foi editado a partir de 1894. Na primeira edição, a redação afirmava que intentara vencer as dificuldades inerentes a todas as empresas em seu começo, buscando desempenhar

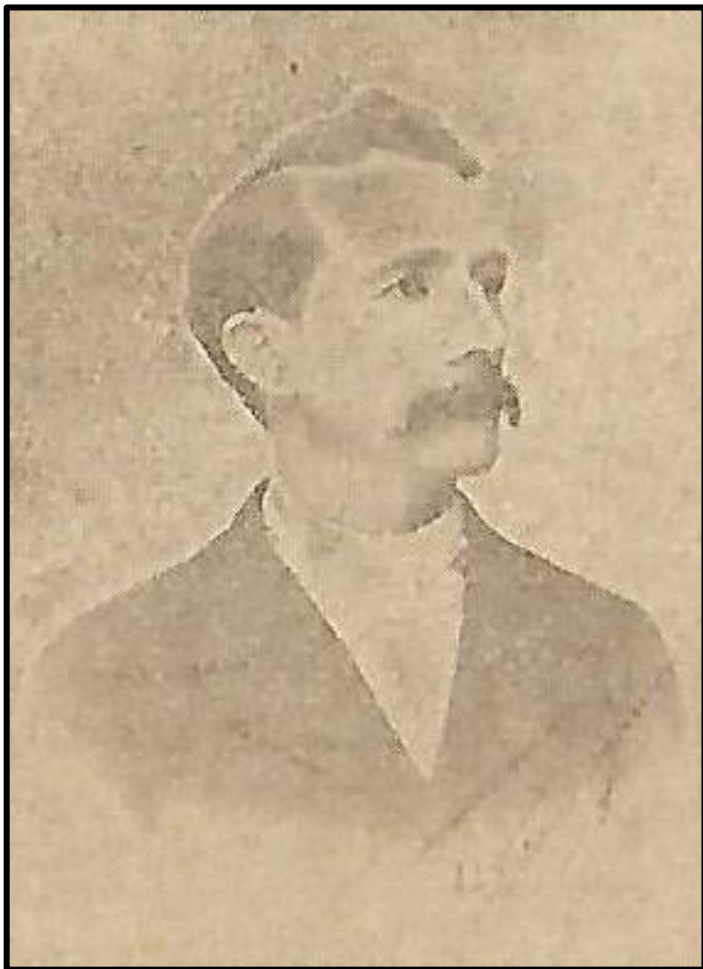
aquele espinhoso encargo, e pretendendo constituir um simples ensaio em meio às publicações daquele gênero. Tal periódico visava a levar ao público uma ampliada parte de informações e uma mais variada parte recreativa¹³⁴. Gravuras, textos em prosa e poesia, dados generalizados, jogos, recreações e entretenimentos faziam parte do conteúdo dessa folha. Apresentando um retrato do homenageado, o elogio fúnebre publicado no anuário pelotense¹³⁵ trazia uma versão adaptada a partir do texto de Antônio da Cunha Barbosa, publicado na *Revista da Academia Cearense*¹³⁶

¹³⁴ ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO. Pelotas: Livraria Universal, 1893. p. 3.

¹³⁵ ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1905. Pelotas: Livraria Universal, 1904. p. 170-174.

¹³⁶ BARBOSA, Antônio da Cunha. Esboços biobibliográficos dos acadêmicos visconde de Taunay e José Arthur Montenegro. In: REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1901, t. 6, p. 9-10 e 32-39.

VIDA E MORTE DE UM INTELLECTUAL NO RIO GRANDE DO SUL: DOIS
ESTUDOS SOBRE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



**retrato de José Arthur Montenegro publicado
no *Almanaque Popular Brasileiro***

José Arthur Montenegro

A 20 de fevereiro de 1864 nasceu em Uruburetama, Estado do Ceará, o menino José, filho de Antônio Tiago de Melo e de D. Maria Hermelinda Montenegro de Melo.

Foi carinhosamente educado por seus pais, que, apesar de pobres, extremosos, não lhe regatearam instrução esmerada.

Ansioso de conhecer, por observações diretas, as costas do Brasil, de 1878 a 1880, praticou pilotagem com seu tio José Maria de Amorim, acompanhando-o, como mareante, em diversas viagens¹³⁷.

Em 1881 deixou essa carreira, para matricular-se, como praça de linha, na Escola Militar, onde fez o curso de preparatórios. Desligando-se dela em 1884, pediu em 1889 demissão do exército, para ir servir como auxiliar de 1ª classe da comissão fiscal da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, onde se conservou até 1897, quando retirou-se para a capital da sua terra natal, Fortaleza, em busca de alívio a uma tenaz enfermidade – tísica laríngea.

Em 1888, desposou a Sra. D. Tereza Ferreira Montenegro, distinta rio-grandense, sua incomparável companheira, de quem houve dois

¹³⁷ No porto do Recife, arriscando a vida, atirou-se ao mar para salvar uma criança, prestes a ser devorada por um mero.

filhos, um dos quais morto em tenra idade.

No lar doméstico, como na vida pública e literária, Arthur Montenegro foi sempre corretíssimo: dedicado na amizade, querido na família, fervoroso pela sua pátria.

Durante os meses que residiu no Ceará, obteve sensíveis melhoras. Aí desempenhou o cargo de secretário da Estrada de Ferro de Baturité, até ter sido arrendada a uma empresa incorporada pelo engenheiro Alfredo Novis.

Regressando ao Rio Grande do Sul, em 1898, foi exercer idêntico cargo na Estrada de Ferro do Rio Grande a Bagé, o qual ocupou até o dia do seu falecimento, a 3 de abril de 1901.

Foi literato operoso, historiador erudito. Os quinze anos dos seus cruéis padecimentos, que lhe torturaram a curta existência, não o afastaram do trabalho, com que serviu às letras e à pátria.

Confeccionou guias bibliográficos, anotou diversos livros nacionais e estrangeiros, elaborou uma avultada quantidade de memórias esparsas umas, outras inseridas em revistas, muitas finalmente inéditas. Colaborou nos jornais *República*, do Ceará, *Diário do Rio Grande*, dessa cidade, *Correio Mercantil*, de Pelotas, *Correio do Povo*, de Porto Alegre, *Ocidente*, de Lisboa, *Revista Moderna*, de Paris, etc.

Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai, extraídas da sua obra inédita *História da Guerra da Tríplice Aliança* e dadas à luz nas colunas

da *República*, do Ceará. No prefácio declara: “Darei a conhecer o meu livro sobre o Paraguai, provocarei discussão, donde far-se-á luz sobre muitos casos ainda obscuros, e atrairei pra o meu arquivo os dados que faltam”.

Dicionário histórico e geográfico do Rio Grande do Sul, iniciado em 1889. Dele foram publicados diferentes trechos sob a denominação de *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1895, 59 págs., in-89, oferecidas à Academia Cearense e ao seu ilustre amigo e conterrâneo o Sr. Dr. Guilherme Studart; foi o seu primeiro trabalho geográfico. Trata da Bacia do Jacuí, do Arroio Taim, Coordenadas Geográficas e Altitudes. Foi muito elogiado por toda a imprensa, principalmente pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Abriu-lhe as portas das Sociedades de Geografia do Rio de Janeiro e Lisboa e da Academia Cearense.

Dicionário das Madeiras do Brasil, que tomou por base o *Ensaio de Índice Geral das Madeiras do Brasil* dos engenheiros André e José Rebouças, inédito.

História da Guerra Chileno-peru-boliviana, 1879 a 1881, a qual fez aparecer alguns excertos na imprensa diária, como no *Diário do Rio Grande*, de 30 de maio, 3, 4 e 5 de junho de 1893, transcritos no *Almanaque Popular Brasileiro* de 1895. Foi apreciada esta obra pelo contra-almirante D. Luiz Uribe y Orrego, comandante da Escola Naval de

Valparaíso, e pelo coronel peruano D. Juan A. Arona.

Memórias de Mme. Dorothea Duprat Lasserre, versão do manuscrito original, anotado pelo tradutor. Teve duas edições: a primeira de setembro e a segunda de dezembro de 1893. Constitui um trabalho interessante por tratar de um assunto posto à margem pelos historiadores da campanha do Paraguai e que Montenegro chamou a si tornar conhecido. Mme. De Lasserre, salva milagrosamente do degredo do Espadim pela expedição do tenente-coronel José Antônio de Moura, escreveu estas *Memórias*, em 1870, a pedido do coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães. Nelas Mme. Lasserre descreve os assombrosos martírios por que passaram milhares de dedicadas senhoras da melhor sociedade, *designadas* pelo ditador paraguaio para morrer de fome nos desertos de Iguatemi. Os penosos sofrimentos de Mme. Lasserre e de suas desgraçadas companheiras foram a consequência natural dos acontecimentos de S. Fernando em 1868. Mme. Duprat Lasserre nos transmite o histórico dos sofrimentos inauditos dessa porção de viúvas e órfãos salvos pelo exército brasileiro nos desertos de Espadim.

Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano Godoi, om um apêndice contendo o capítulo VIII do livro de Benjamin Mossé sobre a campanha do Paraguai e o depoimento do general

D. Francisco Isidoro Resquin; Rio Grande, 1895, 130 págs. in-4º. É o primeiro trabalho histórico sobre a luta de 1864 a 1870, que sai de uma pena paraguaia. Em apêndice o tradutor e anotador juntou um trecho do livro daquele escritor francês – *D. Pedro II* –, o qual resumidamente historia com precisão e notável imparcialidade todos os sucessos dessa tremenda guerra, e o depoimento do general Isidoro Resquin, chefe do Estado-Maior do marechal Solano Lopez.

Viagem pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, S. Lourenço e Arinos, por B. Bossi, versão para o português em 1884, anotada e publicada em fevereiro, março e abril de 1894, no *Eco do Sul* do Rio Grande do Sul. Esta tradução foi muito louvada pela imprensa platina e castelhana.

Cristóvão Colombo e o descobrimento da América, história da geografia do Novo Continente e dos progressos da astronomia náutica nos séculos 15º e 16º, por Alexandre Humboldt. Foi traduzida de 1884 a 1885 e publicada de 1893 a 1894 na *Atualidade*, do Rio Grande.

Fragmentos históricos, homens e fatos da Guerra do Paraguai, um volume de 114 páginas, aparecido poucos dias antes do falecimento do autor.

Bibliografia da Guerra do Paraguai, relação de cerca de 700 obras relativas à campanha do Paraguai, publicada no *Diário do Rio Grande*.

Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX, trabalho que ficou incompleto, inédito.

As ilhas do Brasil, estudo geográfico, inédito.

Memórias do general von Versen, parte relativa à Guerra do Paraguai, versão original alemão, com numerosas notas, inédita.

Uma das últimas produções deste laborioso autor, que tantas saudades nos tem feito sentir, é por sem dúvida a edição especial do poema épico de José Basílio da Gama, *O Uruguai*, com anotações e prefácio de 25 páginas, no qual, em larguíssimos traços, trata dos antecedentes do *momento histórico*, alcançado pelo poema de Basílio da Gama, período que, originando-se na fundação da Colônia do Sacramento (1680), constitui o início dos acontecimentos político-sociais do atual Estado do Rio Grande do Sul.

O trabalho de Basílio da Gama teve diversas edições: a primeira aparecida e impressa em Lisboa, em 1759, na Régia Oficina Tipográfica; uma outra do Rio de Janeiro (vinheta), publicada pela Imprensa Régia, em 1811; uma nova edição de Lisboa saída da Impressão de José Nunes Esteves; a publicada na Minerva Brasiliense e Biblioteca Brasília ou Coleção de Obras Originais ou a publicada pelo Dr. Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, impressa na Imprensa Nacional de Lisboa, em 1845, sob o título *Épicos brasileiros* – Basílio da Gama, *O Uruguai*; Frei José de Santa Rita Durão, *O Caramuru*.

Quatro outras edições vieram à luz: a de Paula Brito em 1856, impressa na Tipografia Dois

de Dezembro; a da Galeria de Escritores Brasileiros, de Francisco Pacheco, Livraria Clássica de Alves e Cia., Rio de Janeiro, 1895; a tradução inglesa de Burton, e, finalmente, o opúsculo do nosso saudoso amigo o Sr. Felix Ferreira, publicado pelo *Jornal do Comércio*, em agosto de 1895, para comemorar o primeiro centenário da morte do poeta.

Pelo que temos lido em Inocêncio Silva, Brito Aranha, Fernandes Pinheiro, Sacramento Blake, Sotero dos Reis, Silvio Romero, ocupado com o imortal cantor de *O Uruguai*, chegamos à conclusão de que a edição de Montenegro é a mais correta e criteriosamente anotada.

Convidado pela Biblioteca Pública de Pelotas, do Rio Grande do Sul, para escrever algum trabalho comemorativo ao 4º centenário do Descobrimento do Brasil, Montenegro escolheu, para esse fim, a edição especial do poema, que brilhantemente executou. Foi uma das mais estimáveis publicações do centenário, bem recebida por toda a imprensa nacional e estrangeira, que lhe teceu os maiores encômios.

A sua obra-prima, porém, a de maior vulto, inédita, é a *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, em oito volumes, dos quais seis de texto, dois de anexos ou documentos justificativos e um atlas com 75 mapas do teatro da guerra, cartas de batalhas, perfis de fortificações, etc. É ilustrada a obra com cerca de dois mil

retratos dos oficiais dos quatro exércitos beligerantes, ministros, diplomatas, etc.

É o trabalho mais completo sobre este assunto. Montenegro possui quase tudo que a respeito da memorável campanha se tem escrito, em idiomas português, francês, espanhol, alemão e inglês.

Dispondo de uma riquíssima e variada biblioteca, correspondia-se com os principais historiadores brasileiros, das Repúblicas do Prata, Paraguai, Chile, Venezuela e Portugal.

Do saudoso Sr. Visconde de Taunay, de quem foi íntimo amigo, escreveu a biografia, publicada em parte na *Revisa da Academia Cearense*.

Aquela sua última produção tencionava dedicar ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – *Ao meu amado Instituto* – como sempre expressava.

Das paredes de sua sala de trabalho pendiam quadros emoldurando os mais distintos diplomas de associações, das quais fazia parte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocupando o lugar de honra, ladeado dos da Academia Cearense e Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; da Sociedade de Geografia de Lisboa; do Instituto de Coimbra; dos Institutos Geográfico e Histórico da Bahia e Arqueológico de Pernambuco; do Instituto Histórico e Geográfico Argentino; Ateneu de Buenos Aires; Centro Literário do Ceará; Associação dos Guerreiros do

Paraguai, de Buenos Aires; Associação dos Homens de Letras de Caracas (Venezuela), etc.

Tais foram as distinções de seus meritórios trabalhos históricos e literários, com que o seu nome passará triunfante à consagrações póstumas.

Este operoso homem de letras, no dia do seu falecimento, deixou o seu gabinete abundante desses gloriosos troféus; vazio, porém, dos cabedais, que deveriam recompensar as horas ignoradas do labor.

Ao desamparo resta-lhe a família, mas Montenegro lega-lhe fulgurante e honrosíssimo nome.

José Arthur Montenegro, vigoroso historiador da guerra contra o Paraguai (...).

Aos braços da piedosa cruz que vela o túmulo, suspenderemos uma coroa de orvalhados goivos.

O registro encomiástico traz consigo uma expressão de louvor e/ou de elogio para com alguém, de maneira que seu conteúdo louva ou glorifica pessoas, ideias ou objetivos. Tem como termos equivalentes a apologia, o panegírico, a elegia, a monódia, o treno e a trenódia, os quais carregam o significado de uma composição solene ou discurso em honra e louvor de alguém, carregando em seu conteúdo um elogio formal e incondicional. Suas manifestações traziam também uma peça oratória em louvor de uma pessoa

falecida, constituindo o elogio fúnebre, apresentando um sentido triste e melancólico, na forma de um registro lutuoso, preenche em expressões de pena e desgosto¹³⁸. Tais inserções nas publicações periódicas marcaram o fim da vida de José Arthur Montenegro.

A partir da carência de informações biográficas mais expressivas acerca do escritor cearense/sul-rio-grandense, os registros honoríficos expressos após seu falecimento passam a constituir uma fonte histórica complementar, levando em conta “qualquer fragmento biográfico”. Nesse sentido, a pesquisa em torno do autor pode ser realizada a partir de uma “biografia intelectual”, uma vez que “o espectro do gênero biográfico não abarca unicamente os homens de ação, mas cada vez mais os escritores, os filósofos e todos os homens de letras”, nas referências à intelectualidade da virada do século XIX ao XX, já que tais elementos “se tornam objetos de curiosidade e de exercício biográfico”. Nesse tipo de análise, “obra e autor aparecem numa irredutibilidade que é como um domínio próprio” que traz “ao biógrafo ‘uma longa melodia ininterrupta que é ao mesmo tempo vida e obra,

¹³⁸ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 169, 45, 165, 339 e 163.

destino e expressão”¹³⁹. Tal destaque à carreira de Arthur Montenegro ficou bastante evidenciado por ocasião do seu falecimento, quando diversos periódicos publicaram elogios fúnebres e/ou notas necrológicas. Os obituários a ele destinados – que, assim como o seu arquivo documental, estão inseridos no acervo da Biblioteca Rio-Grandense – refletiam a notoriedade que conquistara em meio à intelectualidade, de modo a possibilitar o conhecimento de detalhes acerca de sua existência, a partir dos apontamentos de sua ausência correspondente ao *post mortem*.

¹³⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 361-362 e 369.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



ISBN: 978-65-5306-138-5